



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Projeto de Reabilitação das Casas da Quinta da Madredeus do Vale de Flores

André Marques Gottschalck

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

Covilhã, fevereiro de 2019

Dedicatória

Para ti, Avó, com saudade. Saudade do teu riso, saudade da tua atitude, saudade da tua presença, saudade do teu ser. E agradeço-te. Agradeço-te por tudo. Sei que estás e estarás sempre presente. A ti devo tudo, a minha força e a minha determinação. Sempre.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha Mãe. Sem ti, este percurso teria sido impossível. Sem ti, este sonho não teria sido mais que um sonho. A ti te agradeço, agora e todos os dias. Obrigado pela força, pelo carinho e por seres minha Mãe. Obrigado por seres minha guia, minha confidente e o meu apoio. Ajudaste-me e ensinaste-me a lutar e a ultrapassar os meus obstáculos. Obrigado.

Agradeço ao Professor Jorge Marum pelo seu tempo e paciência comigo, pelo sistema claro e metódico da sua ética de trabalho e, não esquecendo, pelos seus ensinamentos enquanto arquiteto e professor.

Agradeço ao corpo docente que fez parte do meu crescimento enquanto discente, pessoa e futuro arquiteto.

Agradeço à Câmara Municipal da Guarda pelos desenhos cedidos para fundamentar a dissertação.

Agradeço aos meus amigos pela amizade e por permanecerem, de forma paciente e custosa, sempre presentes, para ouvir as minhas frustrações e os meus desabafos.

Por último e não menos importante, um especial agradecimento ao Dr. José Martins Igreja pela ajuda, disponibilidade e cedência da Quinta da Madreus do Vale de Flores como objeto de estudo perante esta dissertação.

Resumo

Este trabalho de dissertação compreende a memória descritiva e justificativa de um projeto de reabilitação para as casas da Quinta da Madredeus do Vale de Flores, localizada na aldeia da Faia, no concelho de Aldeia Viçosa, no distrito da Guarda.

As qualidades cénicas, arquitetónicas e históricas do local levaram o proprietário a adquirir a quinta. A sua manutenção custosa obriga à utilização da quinta como fonte de rendimento para que se torne um investimento autossustentável. Assim, o projeto dedica-se à apropriação dos devolutos transformando-os num espaço que acolha a função de turismo de luxo em espaço rural.

Dada a problemática da arquitetura em contexto de ruína opta-se por reunir conceitos teóricos e práticos que esclareçam os possíveis caminhos que o projeto possa tomar para, de forma metódica e responsável, elaborar um desenho que respeite o existente. Desta forma, o conceito passa pela apropriação completa de toda a ruína oferecendo ao novo projeto e ao existente o mesmo destaque. O desenho oferece uma clara perspetiva da importância do existente assim como a importância do novo.

Desta forma, resulta um projeto que se presa pelas linhas modernas em sintonia com as linhas do passado, revivendo o edifício e a sua envolvente.

Palavras-chave

Reabilitação; Ruína; Integração; Quinta da Madredeus do Vale de Flores; Turismo Rural;

Abstract

This dissertation consists on a descriptive document of a rehabilitation project for the Quinta da Madredeus do Vale de Flores houses, located in the village of Faia, in Guarda district.

The scenic, architectural and historical qualities of the place led the owner to acquire the farm. Its economical maintenance requires the use of the farm as a source of income to become a self-sustaining investment. Thus, the project is dedicated to the appropriation of the ruins, transforming them into a building that takes on the role of luxury tourism in a rural scenery.

Given the architecture's problematic in the context of a ruin, one chooses to gather theoretical and practical concepts that clarify the possible paths that the project can take to, in a methodical and responsible way, draw a design that respects the existing. Therefore, the concept passes through the complete appropriation of all the ruin, offering the same prominence to the new project and to the existing one. The drawing offers a clear perspective on the importance of the existing, as well as the importance of the new.

Thus, the result is a project that highlights its modern lines in tune with the lines of the past, reviving the building and its surroundings.

Keywords

Rehabilitation; Ruin; Integration; Quinta da Madredeus do Vale de Flores; Rural Tourism;

Índice

Nota Introdutória	1
Capítulo I - Contextualização	5
1.1. O Local de Intervenção.....	8
1.2. As Casas, a Capela e o Forno.....	11
Capítulo II - O Programa	19
2.1. A Entrevista e o Programa	23
2.2. Desenho e Disposição das Áreas	29
2.2.1. Casa Senhorial	29
2.2.2. Casa dos Caseiros.....	30
2.2.3. Exteriores.....	30
Capítulo III - Abordagem Conceptual	33
3.1. Elementos Conceptuais	37
3.2. Aplicação Conceptual	43
Capítulo IV - Morfologia e Organização Espacial	49
4.1. Distribuição das Áreas.....	51
4.1.1. A Casa Senhorial.....	51
4.1.2. A Casa dos Caseiros	63
Capítulo V - Aspetos Técnicos e Construtivos	71
5.1. Materialidade	73
5.1.1. Paredes	73
5.1.2. Pavimentos	75
5.1.3. Tetos	77
5.1.4. Piscina.....	77
5.1.5. Vãos	78
5.1.6. Escada Espiral.....	81
5.1.7. Escada da Casa Senhorial	81
5.2. Pormenores Construtivos	83
5.2.1. Remate das paredes com o soalho.....	83
5.2.2. Laje de cobertura	83
5.2.3. Vão cego	84
5.3. Móveis e Louça sanitária	85
5.3.1. Louças Sanitárias	85
5.2.2 Mobília	86
Considerações Finais	89

Referências bibliográficas.....	91
Livros	91
Documentos	91
Websites	91

Lista de Figuras

Capítulo I

1. 1 - Quinta da Madre Deus do Vale de Flores	2
Fonte: Autor	
1. 2 - Casa Senhorial	4
Fonte: Autor	
1. 3 - Localização	8
Fonte: Google Maps/Autor	
1. 4 - Planta de Implantação.....	10
Fonte: Google Maps/Autor	
1. 5 - Casa Senhorial	12
Fonte: Autor	
1. 6 - Casa Senhorial	13
Fonte: Autor	
1. 7 - Capela	14
Fonte: Autor	
1. 8 - Casa dos Caseiros.....	15
Fonte: Autor	
1. 9 - Casa dos Caseiros.....	16
Fonte: Autor	
1. 10 - Casa dos Caseiros	17
Fonte: Autor	

Capítulo II

2. 1 - A Quinta em relação ao Vale do Mondego.....	20
Fonte: Autor	
2. 2 - Vale do Mondego	22
Fonte: Autor	
2. 3 - Relação entre as duas Casas	24
Fonte: Autor	
2. 4 - O Forno.....	26
Fonte: Autor	

Capítulo III

3. 1 - Reabilitação da Torre do Castelo de Matrera.....	34
Fonte: Consultado em 28/Out, 2018, em https://www.archdaily.com.br/br/783837/restauracao-da-torre-medieval-de-cadiz-atentado-patrimonial-ou-projeto-valido	
3. 2 - Desenho do Exterior do Ducal Palace	36
Fonte: Consultado em 31/Out, 2018, em http://ruskin.ashmolean.org/collection/8979/object/14328	
3. 3 - Projeto de Violet-le-duc	38
Fonte: Consultado em 19/Ago, 2018, em http://architecture329stocklin.blogspot.com/2013/01/comparing-and-contrasting-ruskin.html	
3. 4 - Montagem Conceptual.....	42
Fonte: Autor	
3. 5 - Casa em Melgaço/Convento de Sta Maria do Bouro.....	44
Fonte: Consultado em 7/Nov, 2017, em https://www.archdaily.com/799448/house-in-melgaco-nuno-brandao-costa e https://www.casalmisterio.com/pousada-santa-maria-do-bouro-uma-viagem-171707	

3. 6 - Mosteiro de São Martinho de Tibães/Caixaforum	45
Fonte: Consultado em 14/Jan, 2019, em	
https://guiasdearquitectura.com/pt/produtos/packs-braga-district/_232	
e	
http://antonialoweinteriors.com/caixaforum-madrid-herzog-de-meuron-modern-extension	
3. 7 - Hearst Tower	46
Fonte: Consultado em 3/Jan, 2019, em	
https://www.archdaily.com/204701/flashback-hearst-tower-foster-and-partners	
3. 8 - Quinta da Madreus do Vale de Flores, A Casa Senhorial	50
Fonte: Autor	
3. 9 - Esquema da escada em espiral	52
Fonte: Autor	
3. 10 - O detalhe escultórico de uma escada em espiral.	54
Fonte: Consultado em 27/Mar, 2018, em	
https://www.archdaily.com/887362/house-fmb-fuchs-wacker-architekten?ad_medium=gallery	
3. 11 - Escadaria da Livraria Lello	55
Fonte: Consultado em 27/Mar, 2018, em	
https://www.reddit.com/r/portugal/comments/9hpli2/livraria_ello_a_bookstore_in_portugal/	
3. 12 - Esquema da planta do piso -1, Casa Senhorial	56
Fonte: Autor	
3. 13 - Esquema da planta do piso 0, Casa Senhorial	58
Fonte: Autor	
3. 14 - Esquema da planta do piso 1, Casa Senhorial	60
Fonte: Autor	
3. 15 - Interior da Casa dos Caseiros	62
Fonte: Autor	
3. 16 - Esquema da planta do piso 0, Casa dos Caseiros	64

Fonte: Autor

3. 17 - Esquema da planta do piso 1, Casa dos Caseiros 66

Fonte: Autor

3. 18 - Fachada Norte da Casa dos Caseiros 68

Fonte: Autor

Capítulo IV

4. 1 - Pavilhão de Barcelona/Azuma House 70

Fonte: Consultado em 9/Abr, 2018, em

<https://en.wikiarquitectura.com/building/azuma-house-row-house/>

e

<https://www.archdaily.com.br/br/774669/um-passeio-virtual-pelo-pavilhao-de-barcelona-de-mies-van-der-rohe/55fac720e58ecec1f80004a0-a-virtual-look-into-mies-van-der-rohes-barcelona-pavilion-image>

Projeto de Reabilitação das Casas da Quinta Da Madreus do Vale de Flores.

Projeto de Reabilitação das Casas da Quinta Da Madreus do Vale de Flores.

Nota Introdutória

“...a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade e para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitectura.”¹

É certo que o conceito de arquitetura sofreu uma grande evolução ao longo dos tempos. Hoje em dia já não se pensa num arquiteto só quando se pretende desenhar o projeto de um novo edifício. O arquiteto toma assim uma atitude mais versátil e, com o constante abandono de edifícios e o aumento preocupante dos perímetros das áreas urbanas, torna-se de extrema importância a salvaguarda de edifícios existentes e devolutos.

Neste sentido, a reabilitação é, claramente, uma parte importante da arquitetura atual.

Com o objetivo de prosseguir um caminho mais prático dentro da profissão, é intuito que esta dissertação siga esse mesmo pensar visando o desenvolvimento de um projeto substancialmente mais prático do que teórico. Desta forma, e estando o aluno inserido num contexto rural acentuado, a preocupação por revitalizar e aproveitar o interior afirmou-se uma preocupação dominante perante outras. Assim, insere-se com grande premência a procura de um aglomerado arquitetónico que visa a extrema necessidade de uma reabilitação como forma não só de revitalizar esse espaço, mas também revitalizar a comunidade onde está inserido.

Esta preocupação rapidamente se tornou conversa entre as pessoas mais próximas e, de boca em boca, chegou a indivíduos proprietários de algumas habitações, devolutos e também umas quantas quintas. Desta maneira aparece a oportunidade de desenvolver um projeto para a Quinta da Madreus do Vale de Flores, no concelho da Aldeia Viçosa, na aldeia da Faia.

O proprietário apresenta esta possibilidade com a máxima preocupação em manter toda a pátina dos edifícios, revitalizando a sua área para que haja um aproveitamento substancial de todo o património arquitetónico de forma a que se possa dar um uso turístico ao existente. Eram exatamente estes os conceitos procurados e foram exatamente estes que ofereceram uma resposta automática e positiva quanto à aceitação deste local como objeto de estudo para um projeto prático de reabilitação.

¹ Vieira, Álvaro Siza citado por Costa, Alexandre Alves. Identidade Nacional e Património Construído - arquitetura, cidade e território, comunicação efetuada a 18 de Abril de 2009, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sob o tema geral “O Património como oportunidade e desígnio”



1. 1 - Quinta da Madreus do Vale de Flores

Pátio de ligação entre a Casa do Caseiro (esquerda) e a Casa Senhorial (frente)

Pressupõe-se uma panóplia recheada de ideias que visam o melhor aproveitamento de toda a potencialidade da quinta. Objetivasse a criação de alojamento local, atividades rurais e uma grande envolvimento com a paisagem e o local particularmente belo. No entanto, ficou definido que, embora se queira revitalizar todo o local, o arquiteto meramente poderia executar as suas ideias aos edifícios existentes, atendendo que todo o terreno existente se dedicaria ao cultivo e ao bosque. Estas limitações em nada interferem com o bom desenvolvimento de um projeto, antes pelo contrário, obrigam o foco necessário para o bom desenho dos programas previstos para os edifícios devolutos.

Sendo assim, justifica-se a escolha deste local e deste tema unicamente com a preocupação em revitalizar o interior e parar o seu abandono. A junção desta vontade com as possibilidades e pensamentos do proprietário da quinta mostram-se mais que suficientes para que haja um repensar sobre a arquitetura de hoje em dia. É certo que a reabilitação é um tema substancialmente presente no discurso arquitetónico, contudo o interior continua esquecido e carecido da atenção merecida.

É desta forma que se prevê uma reposta através de um caso essencialmente prático. Este fundamento resulta da apreciação do que existe hoje em dia, as teorias existem, a prática não. E, prevendo um futuro mais prático do que investigacional, é meramente uma formalidade justificar esta opção como uma ferramenta essencial para o crescimento de um arquiteto que pretenda exercer uma função mais prática do que teórica.

Contudo nem tudo é prática. Resulta o texto desta dissertação como fundamento teórico, crucial à existência de um bom projeto prático, em forma de memória descritiva e justificativa de todo o conceito, desenho e desenvolvimento do projeto. Todo o pensamento e detalhe insere-se por palavras revelando uma extensa análise e preocupação desde a organização das áreas à aplicação dos materiais não esquecendo os fundamentos que levaram a esses mesmos remates.

Prevê-se a resolução de um projeto que promova a significativa necessidade de reviver o património construído em abandono, respeitando as opiniões e ouvindo um proprietário metódico e certo da sua opinião, não esquecendo a promoção da comunidade envolvente visando sempre a melhor utilidade do devoluto.



1. 2 - Casa Senhorial

Capítulo I - Contextualização

A Quinta da Madredeus do Vale de Flores situa-se na freguesia de Aldeia Viçosa no concelho da Guarda. Inserida num contexto natural denso, a esta pertence uma panóplia vasta de fauna e flora locais assim como alguns indícios de uma vegetação mais tropical que, claramente, foi transplantada para ali.

Deixada ao abandono por cerca de 20 anos, dada a negligência da mão humana e do local adverso onde se encontra, sofreu 4 incêndios dos quais nunca saiu impune. Arderam pomares de maçã, de pera e de pêsego, assim como as casas, as lojas de gado e o forno. Das cinzas restaram os carvalhos, alguns sobreiros, azinheiras e oliveiras e pouco mais.

“Não é possível ir até às origens da quinta e do seu aproveitamento integrado. É evidente que desde tempos imemoriais as terras daquele Vale do Mondego tiveram que ter importância máxima.” (Igreja, 2014)

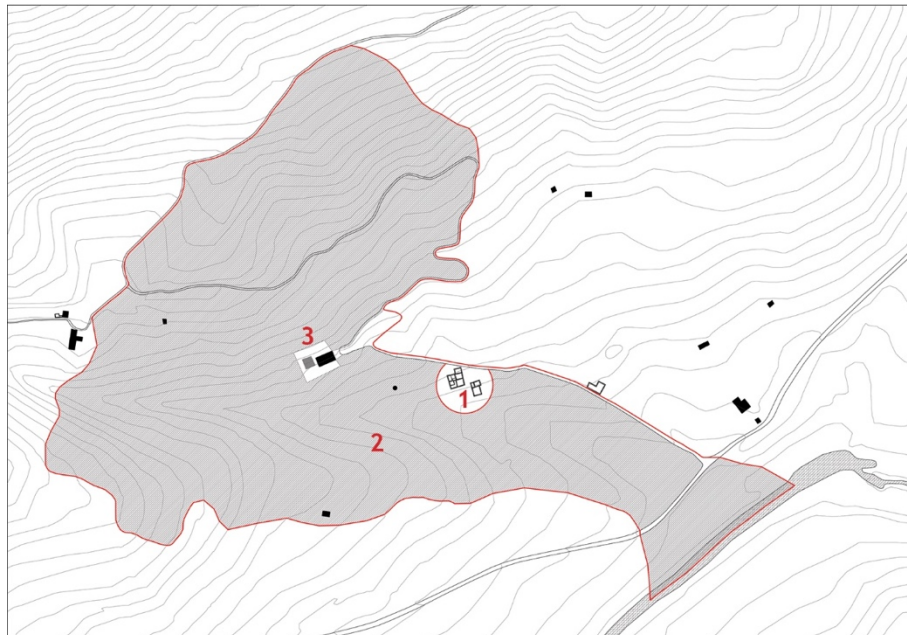
Os elementos históricos que remontam ao nome da quinta não vão além do século XVI/XVII, no entanto, existe uma certa facilidade em encontrar referências que datem a cultura agrícola e habitacional da Quinta, rondando os 400 a 500 anos atrás.

Posto isto, recolheu-se informações de que existiu uma grande variação de habitantes por aquelas ruínas, desde lavradores, passando por pedreiros, senhores, ermitães e até religiosos. Assim, a necessidade de efetuar uma recuperação paisagística, ambiental, agrícola e edificada da Quinta da Madredeus do Vale de Flores é uma obrigação histórica, económica e até ética.

Dada a estrutura e a dimensão do local, a prioridade do proprietário, neste momento, é usar a quinta como objeto autossustentável. Para tal, só a agricultura presente não chega para os encargos necessários ao sustento económico da quinta. Assim, a potencialidade oferecida pela recuperação do património edificado e natural justifica o uso de toda a quinta com a finalidade de turismo, oferecendo a um público a honra de poder vivenciar tal espaço no vale do Mondego.

Esta conversão nasce da necessidade de reviver um espaço em desuso, uma zona rural desabitada e em decadência. A visão do proprietário oferece um chamariz que irá resultar numa afluência acrescida de vida ao local, revalorizando não só a própria quinta como também todo o seu envolvente. É possível localizar, em redor da quinta, uma oferta de turismo que abrange uma facha económica mais baixa, assim, estudou-se e fincou a procura por um tipo de turismo que faça jus à localização privilegiada onde se encontra, optando-se por introduz nesta mesma área um tipo de turismo que irá elevar a fasquia económica e culturalmente.

A finalidade da obra arquitetónica a desenvolver terá que coincidir com um programa extenso que corrompe a ideia de que a Quinta continua um local de habitação privado passando a portar uma função de habitação coletiva, utilizando as remanescências da Quinta como base à finalidade de Turismo de Luxo em Espaço Rural.



1. 3 - Localização

1 - Casas (ruínas); 2 - Mata e Terrenho Agrícola; 3 - Capela da Nossa Senhora do Carmo

1.1. O Local de Intervenção

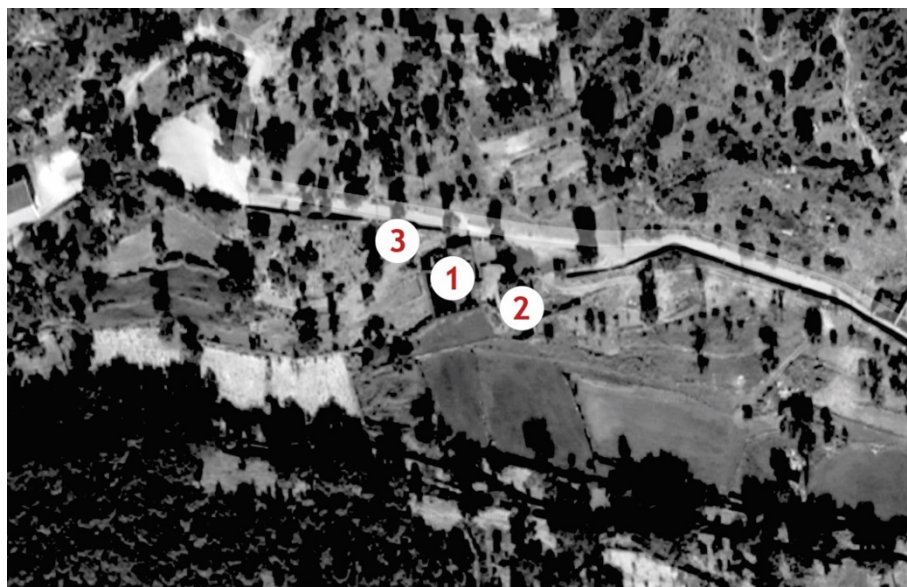
Situada estrategicamente no declive esquerdo do Vale do Mondego, a Quinta da Madredeus do Vale de Flores é composta por uma elaborada lista de atributos vegetais, minerais, cénicos e arquitetónicos.

De uma forma abreviada, a Quinta é organizada por uma casa senhorial em estado de ruína, uma casa pertencente aos caseiros, também ela degradada, uma pequena capela, um moinho inativo e ao abandono, um pombal e um forno parcialmente destruído.

Existe também uma pequena Igreja, da Nossa Senhora do Carmo, a 150 metros a oeste da casa senhorial, a qual se insere no terreno da Quinta, cedida ao público juntamente com o largo imediatamente em frente e o caminho que une a igreja ao acesso principal, a Estrada Municipal 556.

Limitada a Norte pela Aldeia Viçosa, a Sul e Este pelo Rio Mondego e a Oeste pela aldeia da Soida, desenrola-se num total de cerca de 21 hectares de terreno subdivididos a gosto do proprietário, 18 desses hectares dedicam-se exclusivamente a toda a flora da quinta, permanecendo intocáveis, dois hectares cedidos à zona habitacional, zona à qual se destina a intervenção, e sensivelmente um hectare que faz pertencer a Igreja da Nossa Senhora do Carmo e o caminho de ligação entre a mesma e a Estrada Municipal 556.

A suas cotas elevam de Este para Oeste pelo que a exposição solar de excelência é a Sudeste, predispondo uma situação vantajosa durante o dia devido a condições climatéricas adversas durante a estação do Inverso e amenas durante a estação do Verão. Assim, o acesso ao perímetro da quinta efetua-se a à cota 480, aumentando gradualmente até à cota das habitações, a cota 508, progredindo até à sua cota máxima, a cota 690.



1. 4 - Planta de Implantação.

1 - Casa Senhorial; 2 - Casa dos Caseiros; 3 - Forno

1.2. As Casas, a Capela e o Forno

Segundo o proprietário, o objetivo da intervenção passa pela reconstrução da Casa Senhorial, da Casa dos Caseiros, da Capela e do Forno.

A Casa Senhorial encontra-se no meio do complexo. Uma habitação que compreende dois pisos visíveis e um piso parcialmente subterrado, abarca uma linguagem arquitetónica mais detalhada e adornada, sinal de hierarquia alta daqueles tempos e tem aproximadamente 215 metros quadrados por piso que, depois dos 4 incêndios a que foi exposta, remanescem apenas as paredes exteriores e duas paredes “mestras” que se cruzam no seu interior. As maiores características focam-se no adorno do remate do telhado, na grandeza das suas janelas e na caricata passagem em arco que se encontra numa das entradas do piso a baixo do piso de acesso.

Com apenas 24 metros quadrados, a Capela situa-se imediatamente adjacente à Casa Senhorial e compreende a mesma arquitetura. Deduz-se que tenha sido construída com o intuito de ser um louvor à antiga capela da Nossa Senhora do Carmo, demolida para dar lugar à Igreja da Nossa Senhora do Carmo.

Numa cota inferior à cota da Capela e da Casa Senhorial surge a Casa dos Caseiros. Destinta por ter uma arquitetura mais simples, a casa é constituída por dois pisos, um que aparenta ser dedicado à habitação e outro dedicado à guarda de animais. Mais pequena e menos adornada também ela foi exposta aos quatro incêndios e também aqui o rasto de destruição prevalece. Ocupa uma área de 130 metros quadrados e apenas restam as paredes exteriores e uma oportuna parede que outrora dividia a zona de habitação da zona de guarda de animais.

Por último, o Forno, o devoluto mais degradado. Com apenas 38 metros quadrados, sobram as paredes exteriores e em estado de degradação muito avançado e tijolos maciço que outrora pertenceram a um grande forno de lenha.

É este o património edificado que sobra da degradação desta Quinta. Tanto os fatores humanos como os fatores naturais contribuíram para que o estado da Quinta chegasse ao ponto em que está. Assim, aos olhos de um novo proprietário, visa-se a renovação e o restauro deste aglomerado de ruínas revivendo-o para que este legado arquitetónico, histórico e nostálgico não caia em esquecimento definitivo.



1. 5 - Casa Senhorial

Alçado sul (em cima) e alçado este (em baixo)



1. 6 - Casa Senhorial

Alçado norte (em cima) e interior (em baixo)



1. 7 - Capela

Alçado (em cima) e interior (em baixo)



1. 8 - Casa dos Caseiros

Alçado norte (em cima) e alçado oeste (em baixo)



1. 9 - Casa dos Caseiros
Alçado este (em cima) e interior (em baixo)



1. 10 - Casa dos Caseiros (em cima) e Forno (em baixo)

Capítulo II - O Programa

A reabilitação desta ruína proporciona a oportunidade não só de expandir conhecimentos à cerca do tema da reabilitação na arquitetura como também a possibilidade de exercitar o desenho no que toca à criação de uma nova tipologia habitacional perante uma tipologia habitacional existente. Assim, o ponto crucial desta alteração revolve em torno da sua funcionalidade.

“A alternativa à agricultura seria então uma hipótese de turismo total, ou então misto. Um turismo rural que tivesse a ver com uma parte da quinta dedicada à habitação dos donos, dos senhorios da quinta e uma outra parte dedicada a um turismo de habitação e ainda, se calhar também, uma quota parte para algum gado que pudesse estar por lá (...) o turismo às vezes, agora, mais modernamente tem uma noção de natureza muito pura (...)” (Igreja, 2017)

Sabe-se que, outrora, a zona a intervir fora possuidora de duas habitações onde prevalecia uma hierarquia habitacional diferente. Uma pertencera à Casa dos Caseiros e outra à casa dos Senhores. Deste modo, percebe-se que existe uma grande diferença no que toca a áreas, disposição e estética. Denota-se com clareza que a Casa Senhorial oferece uma conduta arquitetónica bastante mais avantajada do que a Casa dos Caseiros, no entanto, não significa isto que ambas não coincidam com o mesmo valor histórico e o mesmo valor de memória, *“(...) as casas são umas casas fabulosas que têm história, não só pela beleza que elas têm, algumas não são tão belas quanto isso, que é a casa do caseiro e a casa do gado, que serão recuperadas (...)”* (Igreja, 2017)

Porém, a nova funcionalidade rege-se a partir da hierarquia arquitetónica apresentada. Deste modo, segue-se a alteração funcional até à data praticada. A ruína deixa de ser habitação privada e passa a pertencer a uma tipologia de turismo em espaço rural, *“(...) se houver ali turismo de habitação, a casa mãe terá o andar mais nobre (...)”* (Igreja, 2017)

Independentemente de as duas tipologias pertencerem à mesma categoria, habitação, existe uma grande manobra no que toca à estrutura básica de cada uma. A maior diferença remete para a finalidade das mesmas. As funções de uma habitação privada vão de acordo a um estereótipo formulado em torno de um conjunto familiar único, ou seja, rege-se por uma construção mais exclusiva e adequada aos gostos e condições de um grupo familiar particularizado enquanto que, o modo de habitar dentro do turismo impõe condições que venham de agrado a um grupo populacional mais generalizado visando as características necessárias para a boa definição do tipo de turismo específico a este caso, turismo em espaço rural, que por consequência irá atrair um público que procure essas mesmas características.



2. 1 - A Quinta em relação ao Vale do Mondego

Envolvida pelo vale do rio Mondego, a Quinta Da Madreus Do Vale De Flores possui um carácter rural único e apelativo ao público que procura este tipo de turismo. O pitoresco das ruínas, em conjunto com a fauna e flora que as envolvem, reúnem as condições necessárias que apelam claramente a um programa de turismo em espaço rural. Assim o entende o Dr. José Martins Igreja, proprietário atual da quinta.

Desta forma e após uma entrevista ao dono com a finalidade de melhor compreender o que era pretendido com esta intervenção, chegou-se à conclusão que existe área, potencial e público para fomentar o Vale do Mondego com um projeto de turismo de luxo em espaço rural.

“(...) dentro do investimento turístico há aqui também que ter uma cautela, uma visão, que neste momento está em estudo, que é, vamos optar por um lugar que possa ser um lugar de turismo para gente com capacidade económica dos quinhentos euros mês aos mil euros mês, e que vêm cá passar uns dias a correr? Ou vai ser uma ideia um bocadinho mais de luxo, um bocadinho mais de capacidade de atração de alguém com mais dinheiro que já tem um rendimento de mil a dois mil ou três mil euros mês, capaz de poder passar ali um fim de semana e poder beber ali uns copos e passear pela quinta fora.” (Igreja, 2017)

“(...) aponta como média alta, tens que ir para os aços, para as pedras naturais (...)” (Igreja, 2017)



2. 2 - Vale do Mondego

2.1. A Entrevista e o Programa

Do primeiro contacto com o proprietário resultou um extenso programa que vai de encontro ao melhor aproveitamento de todo o património edificado da Quinta da Madredeus do Vale de Flores.

Em primeiro lugar salienta-se a necessidade de exprimir a preocupação do proprietário em definir uma fronteira de construção limitada apenas às ruínas existentes, mantendo o romantismo da envolvente, tal e qual, como está.

“(...) fora não quero mexer, fora não mexes nada (...)” (Igreja, 2017)

Deste modo, o programa desenvolve-se segundo o aproveitamento das duas habitações, a Casa Senhorial e a Casa do Caseiro, da Capela, do Forno e de um pequeno perímetro em volta das habitações, assim como, de um pequeno espaço de terra que se encontra entre a Casa Senhorial e a Casa do Caseiro.

Assim, o programa passa pelo desenho de uma necessidade de ocupação de todos os espaços, revitalizando-os e compreendendo as necessidades de um público alvo.

“O estudo que neste momento está de pé é (...) fazer quatro a oito quartos, doze quartos no máximo nas três casas de uma categoria média alta, de uma classe média alta, deixar ficar um piso só para teatro ou música ou cinema, para um evento qualquer que haja da cidade (...)” (Igreja, 2017)

“(...) vai haver a necessidade de fazer lá parte privada para que a família tenha lá um lugar para ela própria (...)” (Igreja, 2017)

Prevê-se, segundo as necessidades do proprietário, o desenho de um espaço de receção, quatro a oito quartos de classe média-alta, um restaurante, uma sala de jantar, uma sala de estar/convívio, um auditório, uma adega que usufrua de um espaço de estar próprio, um espaço de estar exterior e uma piscina. É também mencionado a necessidade de albergar, dentro do programa, um espaço para funcionários com a possibilidade da existência de um pequeno quarto para pernoitar um indivíduo, assim como uma pequena fração que disponha de um pequeno T0 ou T1 para os senhores da quinta poderem, a gosto, pernoitar ou usufruir temporariamente. No que toca ao exterior, visa-se o desenho de uma pequena zona de estacionamento, para o público e para os trabalhadores, e arranjos que promovam o existente.



2. 3 - Relação entre as duas Casas

Casa Senhorial (esquerda) e Casa dos Caseiros (direita)

No entanto, este programa apenas reflete uma básica noção do que se pretende para os espaços a intervir. Fica assinalado que existe uma certa hierarquia quando ao modo de colocação dos espaços conforme as habitações apresentadas. Assim, visa-se a necessidade do arquiteto de melhor conotar os espaços e apresentar a necessidade de estender o programa a um ponto de vista real, assumindo que a cada espaço referido pelo proprietário se acrescentem as funções necessárias à existência de tal espaço.

A conformidade com esta realidade expôs a carência pela divisão acertada do programa em conformidade com as tipologias habitacionais apresentadas. Assim, o programa fica dividido de forma a que possa ser visível e distinguível a tal demarcação hierárquica da qual tanto o proprietário se preocupa.

Então, faz pertencer à Casa Senhorial o seguinte programa:

- Espaço de receção, com apoio de uma instalação sanitária e um bengaleiro;
- Três a quatro suites, uma delas com estatuto mais elevado;
- Restaurante, com apoio de uma cozinha devidamente equipada;
- Sala de jantar/estar/convívio, de carácter semiprivado;
- Pequeno auditório, com acesso direto do exterior;
- Adega, com uma zona de provas/estar;
- Zona dedicada aos funcionários, com quarto, instalação sanitária e zona de refeição;

Para a Casa do Caseiro, de hierarquia mais baixa, prevê-se:

- Três a quatro suites, uma delas com estatuto mais elevado;
- Sala de estar/convívio;
- Um espaço que contenha um pequeno T0 ou T1 para os senhorios;
- Casa das máquinas/arrumação, dedicada ao apoio da piscina e da gestão dos jardins;

A questão do Forno e da Capela resume-se na sua total reconstrução reaproveitando as suas funcionalidades nativas. No entanto, para a Capela são pedidos o restauro e o desenho de um pequeno altar litúrgico e, para o forno, um espaço de copofonia dedicado unicamente à utilização e usufruto por parte do senhorio.

“(...) nem que seja o forno meramente para uma brincadeira de vez em quando (...)” (Igreja, 2017)

Em relação à Piscina, é bastante explícito que será colocada no terreno confinado pelas duas habitações, desfrutando uma alargada exposição solar, de uma grande qualidade sénica aproveitando-se de um espaço que, de uma forma conceptual, parece propositado para o efeito.



2. 4 - O Forno

“(...) sim piscinas, ténis e golfe talvez não, para golfe não tem espaço, para ténis é um desporto interessante, mas não sei se haverá ali clientela para isso, agora piscina sim (...) dá perfeitamente para por ali uma piscina porque há logo ao lado da casa um espaço brutal, à frente logo, que tem sempre sol de manhã até à noite (...) e já está lá o espaço guardado, está lá mesmo já feito para isso, parece estar feito para isso, com água corrente, fria.” (Igreja, 2017)

Não esquecendo os espaços exteriores, o estacionamento é dividido em duas partes, uma dedicada aos empregados, localizada entre o Forno e a Casa Senhorial, e outra dedicada ao público, localizada na cota de acesso à Casa Senhorial.

“(...) tinha que ser feito mesmo dentro da quinta, porque (...) não dá para andarmos aí por fora, nem a alargar a estrada nem nada, tinha que ser um espaçozinho muito simpático (...)” (Igreja, 2017) (em relação ao estacionamento)

“Percebeu a ideia base? Agora desenvolva!” (Igreja, 2017)

2.2. Desenho e Disposição das Áreas

Com o programa definido e o levantamento bem efetuado, rápido se desenvolveu uma linha de pensamento no que toca à disposição das áreas. O processo seletivo passou por categorizar cada área como privada, semiprivada ou pública. Desta forma foi possível dar relevância à localização dessa mesma área consoante a sua posição em questão ao existente.

Assim, o processo de filtragem dita que as áreas públicas permaneçam maioritariamente encostadas às fachadas de acesso aos edifícios, as áreas semiprivadas permaneçam em relação com as áreas públicas e as áreas privadas localizadas em diferentes patamares, reservadas das públicas e das semiprivadas.

Esta disposição é comum a toda a intervenção prevalecendo tanto na Casa Senhorial como na Casa dos Caseiros. Posto isto, e adquirindo a informação sobre os vãos de acesso principais o programa foi instalado da seguinte forma.

2.2.1. Casa Senhorial

Piso 0

Receção - 15,30 m²

Bengaleiro - 6,15 m²

Instalação Sanitária - 6,80 m²

Capela - 24,50 m²

Sala de estar/convívio - 49,97 m²

Bar e Cozinha de Apoio - 12,30 m²

Balneários para os trabalhadores - 10,20 m²

Circulação - 24,48 m²

Piso 1

Suíte 1 + Instalação Sanitária - 42,50 m²

Suíte 2 + Instalação Sanitária - 28,80 m²

Suíte 3 + Instalação Sanitária - 32,20 m²

Lavandaria - 5,36 m²

Cozinha de Apoio - 5,83 m²

Quarto para os trabalhadores + Instalação Sanitária - 13,20 m²

Arrumos - 1,93 m²

Circulação - 30,40 m²

Piso -1

Auditório - 47,70 m²

Restaurante - 32,97 m²

Instalação Sanitária - 4,15 m²

Cozinha Principal + Equipamentos - 36,12 m²

Vestiário para os empregados - 5,50 m²

Instalação Sanitária para os empregados - 4,22 m²

Receção ao piso - 31,15 m²

Piso -2

Adega - 23,95 m²

Instalação Sanitária - 4,55 m²

Fossa Séptica - 11,30 m²

Circulação - 13,45 m²

2.2.2. Casa dos Caseiros

Piso 0

Sala de estar/convívio - 15,50 m²

Suíte 1 + Instalação Sanitária - 22,17 m²

Suíte 2 + Instalação Sanitária - 22,17 m²

1º Piso do T0 (Cozinha, Hall e Instalação Sanitária) - 26,32 m²

Circulação - 19,46 m²

Piso 1

Suíte 3 + Instalação Sanitária - 34,72 m²

2º Piso do T0 (Quarto + Instalação Sanitária) - 17,13 m²

Circulação - 3,80 m²

Piso -1

Sala de apoio à Piscina e ao jardim - 55,60 m²

Fossa Séptica - 9,97 m²

2.2.3. Exteriores

Piscina - 134,80 m²

Área de descanso - 44,70 m²

Circulação - 41 m²

Estacionamentos

Comuns - 11

Mobilidade Condicionada - 2

Capítulo III - Abordagem Conceptual

Inserido num contexto temporal em que a reabilitação e a ruína são assuntos proeminentes, o arquiteto vê-se perante uma situação que se mostra vantajosa ou não dependendo das suas habilidades como projetista. No entanto, não são apenas estas habilidades que se mostram ferramentas decisoras na reabilitação, também a maneira de proceder e o pensamento a adquirir são cruciais quando a arquitetura se depara com esta situação.

Em que aspeto o arquiteto, profissional imprescindível em qualquer obra de construção, abarca as ferramentas necessárias para a realização de uma obra de reabilitação? Quais os fundamentos que ditam que o arquiteto pode projetar algo para um edifício já existente, ou até mesmo remexer com as ruínas de um edifício do passado? Quais as teorias, positivistas ou pessimistas, que fundamentam estas questões? O que fazer perante uma ruína?

São questões pertinentes que vão surgindo no vasto tema da problemática da arquitetura perante a ruína, no entanto, não é intuito deste texto dissecá-las. A finalidade destas questões é meramente simbólica. Unicamente se pretende demonstrar a consciência que pode vir a ser tomada perante este vasto desafio.

Contudo, existe um ponto que merece o devido protagonismo. Uma questão de raciocínio comum, possivelmente transcendente à arquitetura. Quando se fala na palavra ruína, intensificado pelo olhar de um profissional da arquitetura, o discurso é projetado para uma questão de obrigatória resposta: intervir ou não intervir?

A ruína, como objeto de estudo, já não cumpre os requisitos de um novo tema, pelo contrário, esta é de fato um assunto bastante dissecado. É teoricamente explorado por numerosos autores o que implica o aumento de diferentes pensares e consequentemente origina motivos de discórdia e paradigmas controversos. É dentro destes paradigmas que se encontra a reabilitação.

A reabilitação é entendida então como uma ferramenta poderosa que, dependendo de quem a utiliza, pode ser empregue para o bem ou para o mal. Perante a ruína, o arquiteto tem em posse a alma e a carcaça de um edifício ao qual vai ditar a sua total morte ou a sua total ressurreição.



3. 1 - Reabilitação da Torre do Castelo de Matrera, Cádiz, Espanha, 2016, Carlos Quevedo Rojas

Em tal caso, deduz-se que reabilitar pode não ser só a “cura de todos os males” como também “o mal de todas as curas”. A esse respeito, tem que se manter na memória que associado a uma ruína está todo um agrupado de fatores que não pode ser ignoto. Fatores como a memória pessoal e coletiva de uma comunidade, a historicidade e o património, a pegada humana e a desertificação das zonas rurais são das principais condicionantes no que toca a um pensamento eticamente correto perante a evolução de uma ruína.

“O trabalho das gerações passadas confere aos edifícios que elas nos legaram um carácter sagrado. As marcas que o tempo imprimiu sobre elas fazem parte da sua essência.”²

“É também aí que se encontra o único meio de conservar uma qualidade essencial dos monumentos históricos: a sua pátina.”³

Assim, o conceito e a problemática não passam só pelas soluções que a arquitetura proporciona a uma obra de reabilitação, mas também pela atitude a tomar perante essa mesma obra.

² Choay, Françoise. Alegoria do Património, - (Arte e Comunicação, 71). Lisboa: Edições 70, 2015, p.159

³ *Ibidem*, p.163



3. 2 - Desenho do Exterior do Ducal Palace, Veneza, séc. XIX, John Ruskin

3.1. Elementos Conceptuais

De uma forma direta e óbvia é posta de parte a ideia de não reabilitar as ruínas. Logo, o conceito geral será a concordância em reabilitar o que existe na Quinta da Madredeus do Vale de Flores. Neste seguimento, torna-se importante uma pesquisa que resulte numa maior lucidez do assunto visando diversas opiniões para que, em suma, se chegue a um conceito teórico que possa basear todo o desenrolar de uma atitude prática.

A vasta bibliografia sobre este paradigma resulta na criação de limites temporais que contêm numerosas variantes dos diferentes pontos de vista a assumir perante a reabilitação de uma ruína. Colocam-se assim, lado a lado, dois tipos de visões extremas sobre esta discussão: intervencionista e anti intervencionista.

*“Observar estudar e criticar as experiências mais qualificadas, não para copiar modelos, mas para construir métodos de intervenção específicos constitui-se como um dos melhores processos de enriquecimento de uma cultura mais atenta a construção de novos valores e de novas qualidades.”*⁴

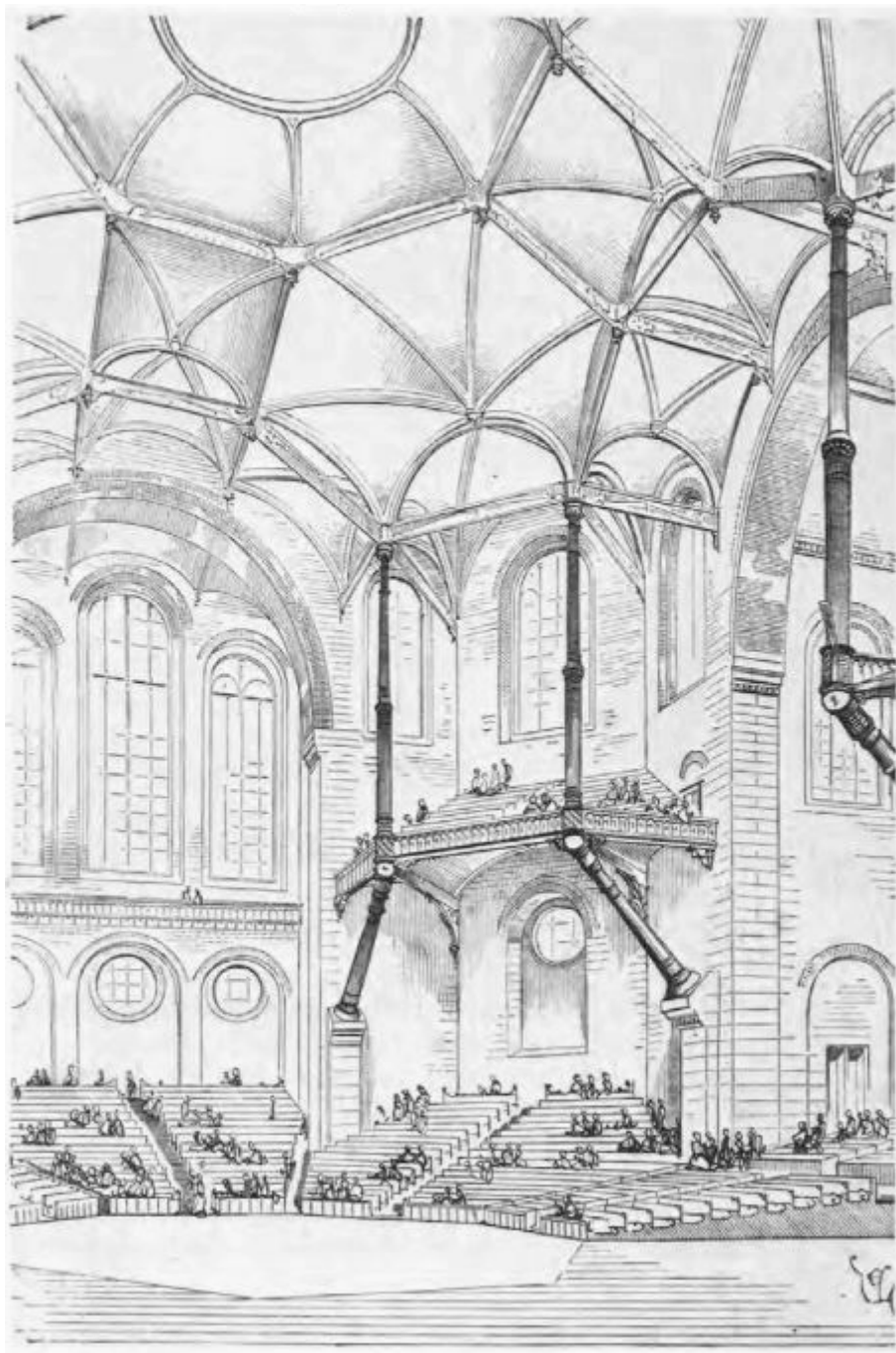
Introduz-se como base teórica a obra da historiadora Françoise Choay. O seu conjunto de obras literárias retrata os primórdios dos conceitos de monumento e património históricos ilustrando, de maneira bastante detalhada, o que iniciou os pensamentos intervencionistas e anti intervencionistas. Por conseguinte, reúnem-se conceitos bibliográficos marcados pela grande antítese entre John Ruskin e Eugène Viollet-le-Duc. A estes dois autores é imediatamente associada a discussão do restauro. Ambos representam um ponto de vista extremo que visa a sua pessoal opinião sobre o assunto.

Ruskin declara-se um anti intervencionista. Para ele, o restauro significa *“(...) a destruição mais total que uma construção pode sofrer (...) a coisa [restauro] é uma mentira absoluta.”*⁵, enquanto que, por outro lado, Viollet-le-Duc contradiz a posição assumida de Ruskin e sobrevém com uma mentalidade bastante despreocupada. Desta maneira, Viollet-le-Duc afirma que *“Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento.”*⁶

⁴ Fernandes, Fátima e Cannatá, Michele. Territórios Reabilitados. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009, p.11

⁵ Ruskin, John citado por Choay, Françoise. Alegoria do Património, - (Arte e Comunicação, 71). Lisboa: Edições 70, 2015, p.159

⁶ Viollet-le-Duc, Eugène citado por Choay, Françoise. Alegoria do Património, - (Arte e Comunicação, 71). Lisboa: Edições 70, 2015, p.160



3. 3 - Projeto que mostra a aplicação de estruturas metálicas em conformidade com a Arquitetura Gótica, séc. XIX, Viollet-le-Duc

Com isto, é possível cair em erro de que as doutrinas a utilizar serão as de Viollet-le-Duc. Antes pelo contrário, irão ser postas em causa todos os ensinamentos e de cada um será retirado o que de mais valor e sentido oferecem ao projeto em questão.

Sendo assim, remete-se às teorias de Viollet-le-Duc para extrair três pontos de concordância para com o autor. O primeiro, reflete a prioridade em alterar e reabilitar a função portante que pertencera ao edifício. Ou seja, neste caso em particular, sabe-se que os dois principais devolutos foram duas habitações particulares, uma pertencente aos Senhores e outra pertencente aos Caseiros, logo será posto em prática uma atitude que invocará uma nova funcionalidade ao existente. Deixará de ser uma habitação particular e permanente e passará a acolher um tipo de habitação temporário, turismo em espaço rural.

Seguidamente é notório que, antes de qualquer tipo de intervenção, se faça primeiramente e em consequência dos pensares de Viollet-le-Duc, um levantamento criterioso de todo o existente. Assim será possível, mais tarde, relatar toda a história e toda a memória que outrora pertencera àquele lugar como também compreender e adquirir os conhecimentos necessários para tirar o maior proveito das remanescências. Este último ponto serve de entrada para um outro fator a tomar em conta. É importante combater o desperdício, e se anteriormente se promove a boa reunião de dados e assimilação de tudo o que pertence ao existente, agora esses mesmos dados serão a ferramenta imprescindível para que todos os materiais se apliquem na nova construção. Esta utilização de materiais existentes não só promove uma ação de aproveitamento geral como também contribui para a manutenção do espírito da ruína e da sua pátina.

Mas não só do extremo pela intervenção se retiram os ideais presentes ao conceito deste projeto. Também a Ruskin, anti intervencionista, se podem colher ensinamentos de acordo com a mentalidade atual. É certo que, numa mentalidade moderna, se apela à preservação do património para que futuras gerações possam vir a não só estudá-lo, mas também compreendê-lo.

Tal como Ruskin sugere, faz parte do conceito geral preservar a aparência e os pormenores exatos daquilo que existe, ou seja, evitar demolir e/ou alterar algo que demonstre ser um objeto coeso e perceptível. Desta forma, é possível que anos mais tarde seja admirável a sua forma original (aquando das obras de reabilitação) e a sua memória perdurará intacta. Porém, para que tal situação se cumpra, é necessário referir um outro aspeto pertencente as teorias de Ruskin. Para que haja reabilitação sem que se alterem as formas básicas e os detalhes da ruína é necessário que, quase sempre e neste caso, haja acrescentos à mesma e, para tal, nunca esses acrescentos possam vir a ser uma cópia exata do que fora antes de o devoluto entrar em fase de ruína, ou seja, é posto em prática um novo desenho, que respeite a ruína, sem este nunca ser um retrato exato do desenho que fora no início de vida do edifício. Desta

forma, é possível manter a autenticidade da ruína sem que se prejudique o projeto privilegiando a forma e a memória da mesma.

Um último ponto de concordância com as teorias de Ruskin é, somente, prever um projeto que dure mais que uma geração. Com isto espera-se que o arquiteto da atualidade não promova uma arquitetura que, mais tarde, entre outra vez em desuso e abandono. Desta forma, visa-se tirar partido das potencialidades da ruína e elaborar um projeto que se exprima útil e intemporal.

Este será o caminho a assumir perante o projeto prático desta dissertação.

Porém, o intento não é só reger um juízo formado apenas pelos pareceres mais extremos, é também expandir esta reflexão através de pontos de vista mais prudentes. Esta necessidade de expansão de juízos, tão relevantes quanto os extremos, aparece como iniciativa a engendrar consciências intermédias para a melhor apreciação do assunto. Assim é proposta uma reflexão sobre as teorias de um autor que levanta opiniões criteriosas.

Camillo Boito, arquiteto e teórico, estuda Ruskin e Viollet-le-Duc tomando uma posição intermediária à luz das teorias dos dois. De uma forma racional e mediana extrai as ideias que mais sentido fazem para o contexto histórico da altura. *“Confrontado com essas doutrinas antagónicas, Boito recolhe o melhor de cada uma para formular, nos seus escritos, uma síntese subtil que, de resto, nem sempre aplicará nos seus próprios restauros.”*⁷

Existe um pormenor muito importante que não pode passar despercebido entre os ensinamentos de Camillo Boito. A fim de se cumprir um dos objetivos previsto, respeitar a ruína, Camillo Boito diz que o bom projeto de reabilitação deve incluir *“(...) diferentes materiais, de diferente cor dos do monumento original (...)”*⁸ ou seja, toda a forma e toda a memória que prevaleça numa ruína deve ser enaltecida e para que haja uma clara distinção entre o que é novo e o que é existente o arquiteto tem que projetar utilizando uma linguagem estética diferente e atual assim como um conjunto de materiais que façam essa mesma distinção. Consequentemente o observador será capaz de filtrar as diferentes épocas como também assimilar a ideia de um todo perante o conjunto arquitetónico.

Dados os fatores teóricos conceptuais, é bastante óbvio que o projeto adquira um pensamento intervencionista, no entanto não é unicamente à sombra de Viollet-le-Duc que se desenrola todo o desenho. Esta dissertação vem compreender todos os lados possíveis para esta problemática e para tal nenhum desses mesmos lados poderá em algum caso ser descartado. É

⁷ *Ibidem*, p.167

⁸ Choay, Françoise. Alegoria do Património, - (Arte e Comunicação, 71). Lisboa: Edições 70, 2015, p.168

necessário refletir sobre todo o tema e chegar a uma aproximação conceptual acertada. Assim, exige-se a necessidade de enumerar todos os pontos teóricos que rematam o conceito do projeto a desenvolver.



3. 4 - Montagem Conceptual

3.2. Aplicação Conceptual

Primeiramente é importante o respeito e total aproveitamento do existente, não só utilizá-lo como objeto de estudo e projeto, mas também oferecer-lhe o devido valor e foco. Segue-se um estudo metódico e um levantamento apurado de toda a situação pré-interventiva assim como a catalogação de todo o existente. Após as medidas de levantamento e proteção inicia-se o processo criativo e a dita reabilitação. É necessária uma boa manipulação de todo o projeto, adotar um pensamento intemporal e resolver a ruína sem que de algum modo se altere o existente. Numa fase mais avançada e delineado todo o plano de intervenção, o arquiteto tem que ser capaz de exprimir uma arquitetura moderna e intemporal assinalada pela clara distinção entre o que é novo e o que já existia, assim como as teorias de Boito o apontam.

Todavia, deve-se ter em conta também boas referências práticas.

É a Souto de Moura e a Nuno Brandão Costa que se podem retirar interessantes formas de intervenções em contexto de ruína.

As ligações entre a teoria e a prática tomam em conta que Eduardo Souto de Moura possui uma clara ideia sobre a sua prática interventiva perante uma ruína. Dele é possível analisar e extrair o facto de que a ruína possui um carácter tão romântico que o novo projeto deve oferecer uma perfeita simbiose. Denota-se que através desta simbiose resulta o seu imenso respeito pela ruína, o apogeu deste facto revela-se na obra da Pousada de Santa Maria do Bouro, onde o respeito imenso pelo existente provoca ao arquiteto a necessidade de projetar algo que visualmente não está em contacto com o devoluto. Assim, são as linhas modernas que separam a obra de Eduardo Souto de Moura da ruína, traçando um visível limite que separa o existente do novo projeto.

Também Nuno Brandão Costa proporciona aos seus projetos uma clareza na distinção entre o que é novo e o que existe, no entanto a este é atribuída uma bruta manipulação do existente para clarificar e ajudar o novo projeto. Ao invés de invocar uma arquitetura que promova e compreenda o existente, Nuno Brandão Costa utiliza o existente para, sem pudor, anunciar e realçar o novo, não deixando de aproveitar ao máximo as potencialidades da ruína.

A combinação estratégica e pensada de todas as lições estudadas ao longo deste conceito remetem para um fim que passa pelo melhor aproveitamento de todas as virtudes oferecidas pela ruína.



**3. 5 - Casa em Melgaço, Parada do Monte, 2016, Nuno Brandão Costa (em cima).
Convento de Santa Maria do Bouro, Cemitério de Bouro, 1997, Eduardo Souto de
Moura (em baixo)**



3. 6 - Mosteiro de São Martinho de Tibães, Mire de Tibães, 2009, João Carlos dos Santos (em cima). Caixaforum Madrid, Madrid, Espanha, 2008, Herzog e de Meuron (em baixo)



**3. 7 - Hearst Tower, Nova Iorque, Estados Unidos da América, 2006,
Foster + Partners**

Assim, extrai-se a ideia de que a ruína é o local ideal para intervir, o que proporciona a vontade de projetar no interior da mesma, respeitando-a. No entanto, há que ter em conta que o projeto não pode cair em desuso outra vez, logo promove-se a necessidade de utilizar uma linguagem moderna e intemporal que visa não só um pensamento que remete a nova construção a um futuro promissor como também uma nova linguagem versus a linguagem antepassada da ruína proporcionando uma clara divisão entre o que é novo e o que existe, não esquecendo a simbiose harmónica entre as mesmas. Com isto é possível atribuir o merecido destaque do existente como também assumir na sua plenitude a construção nova reforçando a durabilidade do conjunto.

Esta reflexão conceptual é consequentemente a base para todo o projeto. Desta forma, organiza-se um pensamento por inteiro com a finalidade de obter uma clara resposta para toda a problemática.

O programa oferecido para o desenho de um complexo de turismo de luxo em espaço rural é um programa de grande extensão. As áreas mínimas requeridas para cada compartimento a inserir neste projeto adequam-se ao existente, no entanto, e de forma óbvia, para este caso não se procuram os mínimos. Procura-se privilegiar o utilizador com conforto e eficiência. Assim, assume-se oferecer a cada compartimento uma generosa dimensão que não enlate o utilizador e o prenda recriando a liberdade existente no exterior.

Este ponto entra em conflito com o existente. Embora que a quinta ofereça dimensões generosas, promove-se a necessidade de aumentar a área de construção sem que esta corrompa o existente. Assim, o desenho irá oferecer uma boa simbiose pelo que existe e pelo que é novo. Um reaproveitamento por inteiro que dita o acrescento de algo novo. Algo diferente e que marque a sua própria posição.

Em primeira instância, prevê-se o acrescento, em altura ao que existe, de forma a que cumpra os requisitos ditos pelo próprio existente, sem que este se mostre desvalorizado e sem que caia em sombra do novo.

Desta forma, pega-se nas doutrinas teóricas e práticas e mistura-se o romântico de Souto de Moura com a falta de pudor de Brandão Costa aprimorado pelas teorias de Ruskin, Le-Duc e Boito e projeta-se uma nova vida para a ruína em questão. Um complexo arquitetónico que oferece a melhor utilidade do devoluto, o destaque de um novo edifício e a perfeita simbiose entre o novo, o antigo e o envolvente.

Capítulo IV - Morfologia e Organização Espacial

A organização espacial resulta de valores hierárquicos que, se por um lado se tornam óbvios dado o planeamento atual das ruínas, por outro estão impostos pelo próprio proprietário. Assim prevalece a noção de que a importância dos edifícios cumpra um seguimento prioritário iniciado pela Casa Senhorial, incluindo a capela, seguido pela Casa Dos Caseiros e por último o Forno.

Esta prioridade ajuda na distribuição assertada de cada área. Cada piso adensa confinamentos que se comportam confortáveis uns em relação aos outros visando a sua máxima sintonia sem que se desperdice qualidade espacial e vivencial. Assim, o desenho resulta de uma meticulosa resposta às necessidades de cada divisão agrupando-as de forma a que haja um pudor visível no que toca à existência de espaços mortos ou alvenarias desnecessárias, prevalecendo sempre o minimalismo e uma arquitetura funcional.

Estes espaços colidem numa simbiose agradável transitando entre si com grande fluidez evocando a simplicidade e promovendo o romântico da ruína, a funcionalidade da nova arquitetura e a sensibilidade cénica da paisagem.



3. 8 - Quinta da Madreus do Vale de Flores, A Casa Senhorial

4.1. Distribuição das Áreas

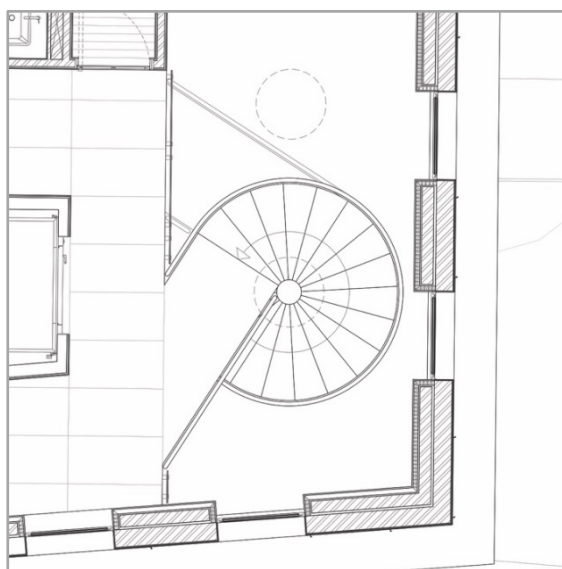
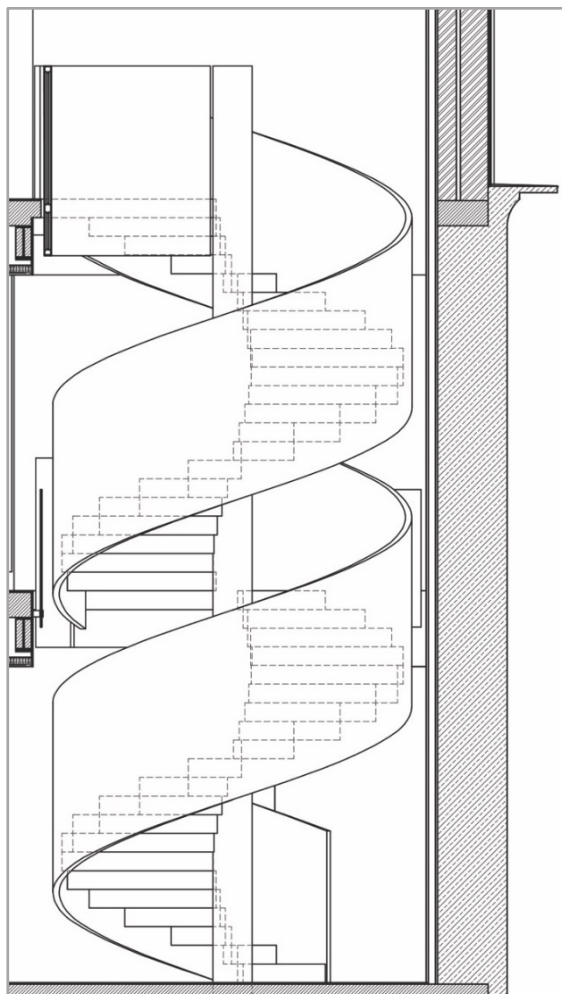
4.1.1. A Casa Senhorial

Compreendendo a prioridade funcional de cada edifício, atribuem-se as principais funções à Casa Senhorial evocando a sua óbvia importância. Deste modo, a Casa Senhorial comporta a estrutura de toda a secção pública e parte da secção semiprivada e privada.

Dada a extensão do programa para um único edifício, prevaleceu a dificuldade em encaixar todas as áreas previstas dentro do espaço oferecido sem que estas percam a sua qualidade vivencial. Para tal não acontecer optou-se pelo aumento de um piso ao edifício. Contrariamente ao que se assemelha, em nada este piso corrompe a ideia conceptual de todo o projeto, antes pelo contrário, como objeto novo, conduz a ruína a um patamar visível, provocando a curiosidade e atraindo os olhares distraídos de um público que já está habituado a que aquela Quinta não passe mais do que um amontoado de edifícios devolutos.

Assim, presa-se pelo aproveitamento máximo de toda a ruína. Todo o acrescento é bem-vindo e toda a demolição não. No entanto, no que toca ao terreno interno da ruína, o tempo e a negligência não perdoam e é visível que, dado o historial da quinta, as terras tenham cedido engolindo parcialmente os pisos inferiores da edificação. Promove-se assim a escavação do que outrora fora descoberto, mantendo toda a traça original, para que no fim se possa tirar maior partido do espaço e vangloriar ainda mais esta tão importante casa. Resumidamente, a Casa Senhorial irá desfrutar de quatro pisos, três existentes e um acrescentado à posteriori.

A Casa Senhorial goza de duas comunicações verticais, uma dedicada à zona técnica (servindo como escada de emergência) e outra dedicada ao público e como objeto escultórico de contemplação. Também tira proveito de um elevador que conecta o piso -1, o piso 0 e o piso 1.



3. 9 - Esquema da escada em espiral, alçado (em cima)
e planta (em baixo)

A Escada

Desde início que é óbvia a apreciação do proprietário por objetos de arte e por um bom espaço arquitetónico. Não podendo de alguma forma desperdiçar a oportunidade, viu-se de extrema importância alcançar um objeto, no interior, que de alguma forma provoca-se um sentimento de contemplação e ao mesmo tempo que seja proveniente de uma funcionalidade indispensável. Assim, o melhor elemento arquitetónico para atingir esses fins é a escada principal que interliga os vários pisos da construção.

Após vários estudos, resulta uma escada em espiral como elemento arquitetónico útil e como objeto escultórico que marca e surpreende os vários espaços por onde cruza. Uma simples escada em betão armado, circundada por uma guarda, em madeira, que corrompe os planos brancos definidos pela estrutura interna da construção.

Contrariando a sua aparência bruta e pesada, este corrimão é desenhado de forma a que a escada manifeste um cariz leve, como se flutuasse no ar. A sua ligação às lajes de cada piso, em desenho, oferece uma certa desordem e em nada segue os alinhamentos de uma construção minimalista, limpa e organizada. É este o propósito que tem. Uma escultura circular que rompe a forma retilínea apresentada em todo o desenho do edifício.

Assim, e de forma a promover essa obra escultórica, foi preciso recuar todos os pisos para que no final estes não toquem a escada, deixando-a livre e flutuante no espaço. Desta forma o piso de arranque usufrui de um pé direito triplo que proporciona a total visualização do objeto e o piso intermédio e o superior desenham-se em torno da escada com um mezanino.

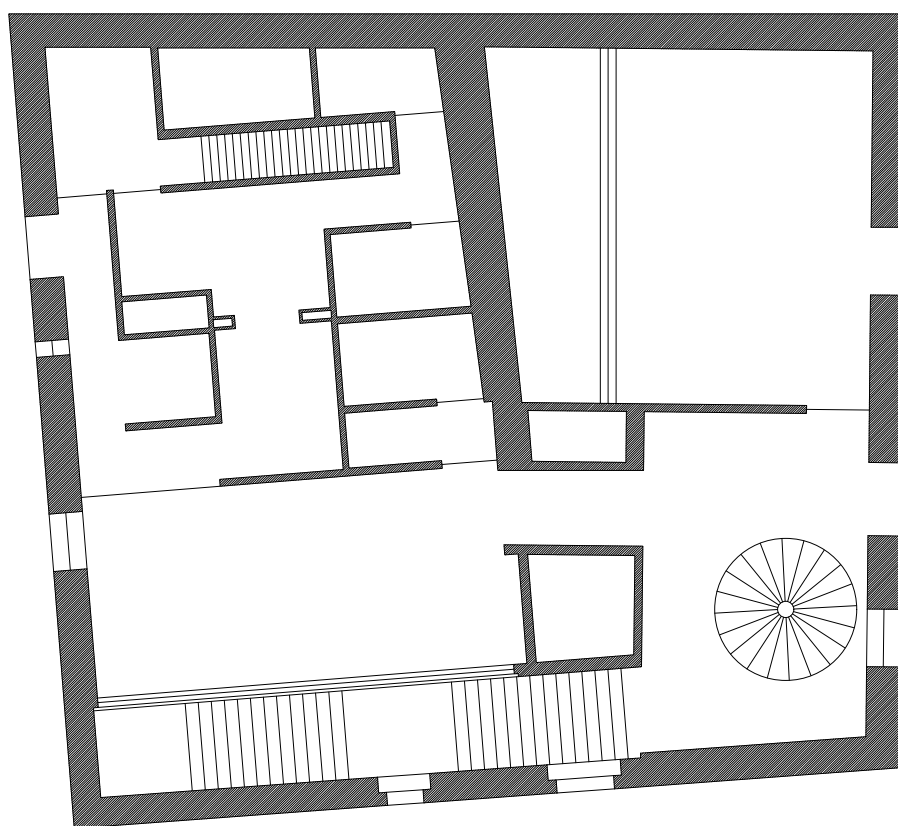
Por fim e para que o efeito dramático resulte, preveem-se três claraboias que se distribuem neste massivo hall projetando a luz diretamente em cima da escada, no mezanino do piso intermédio e no momento de entrada do piso de arranque.



3. 10 - O detalhe escultórico de uma escada em espiral.
House FMB, Esslingen, Alemanha, 2017, Fuchs Wacker Architekten



3. 11 - Escadaria da Livraria Lello, Porto



3. 12 - Esquema da planta do piso -1
Casa Senhorial

Piso -2

Desaterrando o necessário para atingir a profundidade máxima que o devoluto oferece, é possível projetar um piso localizado junto à fachada sul da ruína. Acessível por uma escadaria que liga o Piso -1 ao patamar que oferece ligação ao corredor exterior que liga à piscina, este pequeno piso dedica-se exclusivamente à Adega e à sala de provas.

Aproveitando a pedra exposta das paredes exteriores optou-se por deixá-las à mostra oferecendo ao espaço um plano rochoso e húmido. Este plano provém da escadaria de acesso ao piso concedendo a sensação de entrada a uma gruta, quanto mais se desce menos luz natural é provida chegando mesmo à Adega onde a luz natural é inexistente. Assim, a Adega torna-se um espaço frio e escuro.

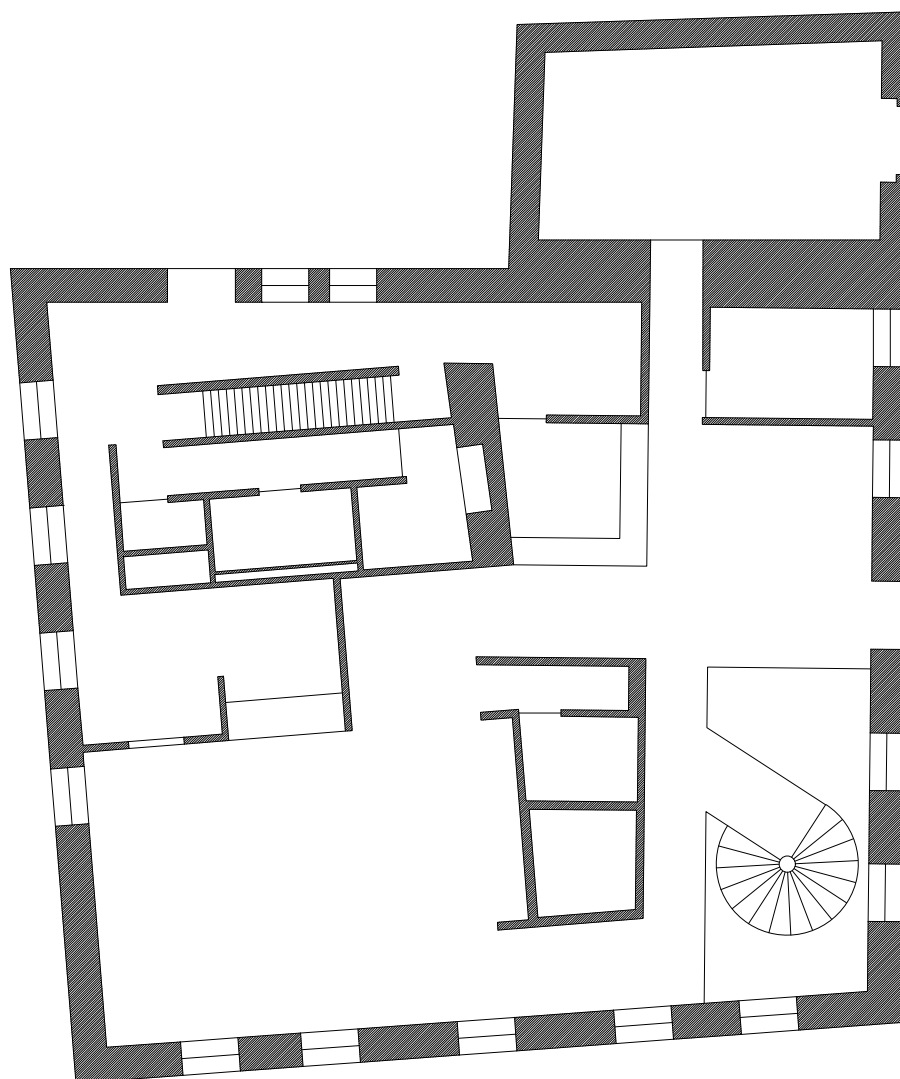
A diferença de cotas que resulta da escavação proporciona um pé direito ao piso de aproximadamente cinco metros. Isto torna-o bastante espaçoso em altura visto que é um espaço confinado e sem aberturas para o exterior. Desta forma, promove-se um corredor com essa mesma cota entre a plataforma de arranque da escadaria e o espaço destinado a um lavatório de apoio à Instalação Sanitária, rebaixando o teto por cima da sala de provas visando a referência original de uma cave de vinhos. Assim, os vãos existentes na fachada junto à escadaria proporcionam uma luz natural zenital que dará ao espaço um ar aconchegado, privado e confortável.

Piso -1

Este piso encontra-se por baixo do piso de receção e, por ser um piso que está em contacto direto com vários acessos ao exterior partiu-se do princípio que seria a melhor opção para colocar as funções mais públicas. Dada a facilidade de entrada e saída para o exterior, este piso possui a capacidade de trabalhar de forma independente dos outros. As suas aberturas para o exterior proporcionam, como quase de propósito, entradas para as várias áreas públicas destinadas a esta ruína, como é o caso do restaurante e do auditório.

Assim, aproveita-se a chamativa passagem em arco para o acesso pelo exterior ao auditório e o vão imediatamente ao lado para o acesso à zona de receção do piso que possibilita a entrada direta ao restaurante. Desta maneira é viável que o restaurante não trabalhe somente em função do resto do edifício, antes pelo contrário, prevê-se o usufruto de um público que apenas pretenda almoçar ou jantar sem se envolver com a zona dedicada aos inquilinos.

É neste piso que arranca a escadaria em espiral, objeto funcional e de contemplação. Ao momento de entrada é possível observar toda a escada, como se de uma escultura se tratasse, devido ao pé direito triplo.



3. 13 - Esquema da planta do piso 0
Casa Senhorial

Dada a necessidade de aproveitamento máximo do espaço, os tetos estão ajustados a uma altura padrão de dois metros e setenta centímetros no restaurante e no auditório, de dois metros e dez centímetros nas instalações sanitárias e dois metros e cinquenta centímetros nas áreas da cozinha e dos compartimentos técnicos.

A entrada de luz na zona prevista à área da restauração não englobava a quantidade de vãos necessários ao bom ambiente do espaço pelo que se prolongou a parede de suporte da caixa do elevador de forma a que esta limite a zona da escadaria de acesso ao piso -2 e possibilite o desenho de uma grande vão envidraçado (do soalho ao teto) para que as janelas que se encontram na fachada encostada a essa escadaria possam iluminar o restaurante sem que se perca a privacidade do mesmo. Desta forma fica também visível a parede de pedra dessa mesma fachada evocando a ruína para dentro da nova construção.

A zona da cozinha e os compartimentos técnicos aparecem em alinhamento com a sala do restaurante e são alcançáveis por um acesso direto ao exterior exclusivo aos empregados, ou então por uma escadaria técnica proveniente da zona técnica do piso em cima.

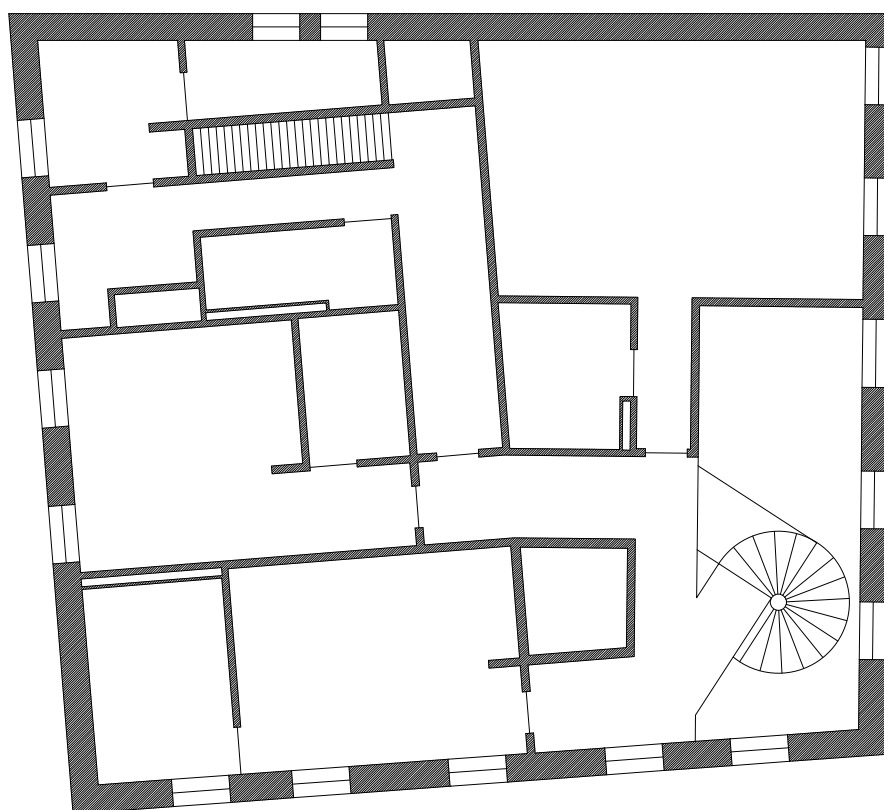
A cozinha segue à risca o regulamento dedicado a cozinhas industriais. Antecipa-se o desenho de quatro áreas distintas, a cozinha, a copa suja, a câmara frigorífica e a câmara gelada. Dentro da área da cozinha prevêem-se quatro zonas, a zona de preparação, a zona de empratamento, a zona de tratamento dos alimentos e a zona de serviço. É também projetado um espaço de receção aos empregados que dispõe de um vestiário e uma instalação sanitária completa.

Piso 0

Este piso alberga a receção ao hotel, a sala comum, a capela, um pequeno bar com uma cozinha de apoio, e uma zona técnica dedicada aos empregados.

O momento de entrada configura o balcão de receção assim como uma instalação sanitária, o bengaleiro e o acesso às comunicações verticais. Entenda-se que a aplicação das áreas neste piso regeu-se pela hierarquia antes estudada. Dado que aqui se encontra o principal acesso à ruína, viu-se forçada a colocação da zona de receção e por conseguinte, praticando sempre um pensamento lógico, as zonas mais semiprivadas do programa.

Por meio de um mezanino possibilita-se aqui, também, a contemplação de toda a escadaria em espiral que parte do piso -1 e se estende até ao piso 1. Assim, o piso 0 confronta a escada no seu ponto médio viabilizando a sua perceção superior e inferior.



**3. 14 - Esquema da planta do piso 1
Casa Senhorial**

Dada a rotação solar e a melhor proclamação dos atributos cénicos da paisagem, visou-se a colocação de todas as áreas semiprivadas junto às fachadas este, sul e oeste. Deste modo optou-se por assumir a sala comum encostada à fachada sul e oeste enquanto que a zona técnica se assume em parte na zona oeste e maioritariamente na zona norte.

Com isto, possibilita-se o aproveitamento de uma entrada no alçado norte para os trabalhadores, impedindo o cruzamento entre o público e o “*staff*”.

O momento de entrada da zona técnica acolhe um hall que se desenvolve em corredores de ligação para a receção, para a cozinha e bar e para os balneários de apoio aos trabalhadores. Também aqui se instala a comunicação vertical que visa servir toda a zona técnica do edifício. Desta forma é possível definir uma visível separação entre o espaço dedicado ao público e o espaço dedicado aos trabalhadores.

No que toca à capela, proporciona-se apenas o restauro meticoloso de todo o construído visando o desenho de um espaço de oração sereno, simples e acolhedor.

Os tetos deste piso seguem a mesma lógica do piso a baixo. O momento de entrada desfruta de um pé direito duplo, enquanto que todas as zonas de passagem e técnicas acolhem um pé direito de dois metros e cinquenta centímetros e a zona de estar oferece um pé direito de dois metros e setenta. A capela, desde início, contém um teto em arco que, assim como na sua estrutura, se aponta somente a sua recuperação.

Piso 1

O piso 1 surge como parte da nova construção, um acrescento. Este piso nasce da necessidade de poder desenhar todo o espaço privado, separando-o de forma lógica do resto das funções públicas e semiprivadas. Desta forma também se resolve a melhor apropriação das qualidades cénicas do local. Assim, é possível desenhar todas as suítes orientadas em direção ao vale do Mondego emoldurando a paisagem nas grandes janelas que se repetem, em formato e tamanho, como no piso inferior. Esta necessidade de repetição é fruto de um estudo às fachadas do existente e valida a boa composição entre o que é existente e o que é novo.

Transcendendo a ruína em três metros e noventa, é possível apreciar a vista acima de todas as outras construções, aumentando desta forma o valor hierárquico deste edifício perante os outros.

Assim, este piso é a cota construída mais alta de toda a Quinta. É também aqui que terminam as escadas em caracol e, igualmente, através de um mezanino, é possível observar e contemplar toda a obra escultórica que a escada oferece.



3. 15 - Interior da Casa dos Caseiros

Aqui, a organização espacial desenrola-se de uma forma simples e direta. A escada brota num corredor que dá acesso às suítes. As suítes mais pequenas encostam à fachada sul e oeste enquanto que a suíte maior encosta à fachada este. Mais uma vez vê-se desenhada a zona técnica junto à fachada oeste e norte.

A zona técnica usufrui de um quarto para qualquer trabalhador pernoitar, uma instalação sanitária completa, uma pequena cozinha utilizada para o serviço de quartos e para os trabalhadores, uma lavandaria e um espaço de arrumação. Existe um corredor técnico interno que distribui todas as áreas da zona técnica. A falta de iluminação deste corredor é resolvida pela colocação de claraboias que ritmadamente iluminam o espaço.

Seguindo a lógica antes exposta, o pé direito varia conforme a sua funcionalidade. Dentro das suítes pratica-se uma altura de dois metros e setenta centímetros, dentro das instalações sanitárias, corredores e zonas técnicas, uma altura de dois metros e cinquenta centímetros.

4.1.2. A Casa dos Caseiros

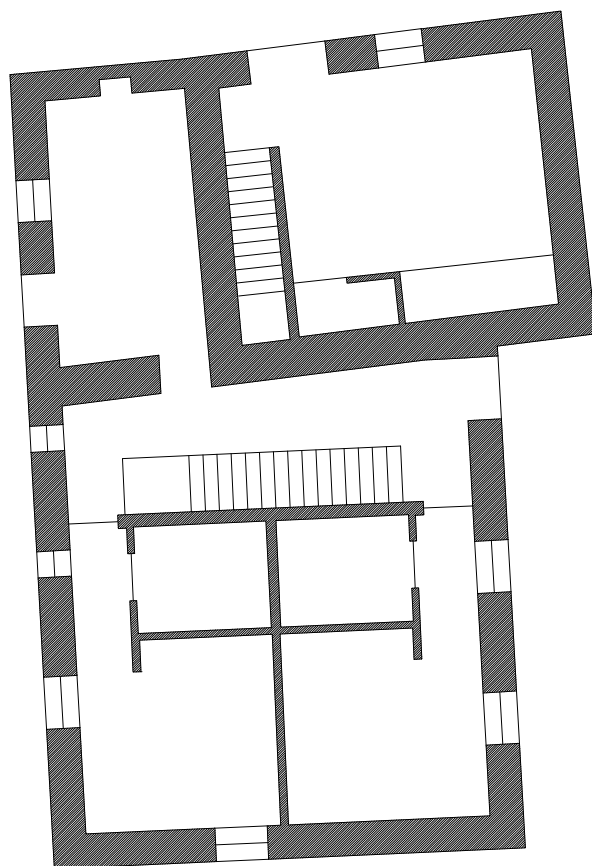
Mais pequena e mais simples do que a Casa Senhorial, a Casa dos Caseiros limita-se a incluir três suítes, uma sala de estar, a casa das máquinas e um T0 dedicado aos proprietários.

O seguimento lógico para a organização deste edifício partiu pela divisão da ruína em duas partes. Esta divisão, física, nasce da linguagem existente e oferecida pelo próprio devoluto.

Da análise é possível compreender que, embora parecendo um edifício por inteiro, a Casa dos Caseiros divide-se em dois compartimentos sem ligação entre si. Portanto, visando o respeito ao existente e de encontro com o programa, insere-se no compartimento mais reduzido o pequeno T0 dedicado a uma habitação temporária para o proprietário e família. O compartimento sobranete inclui as três suítes e uma sala de estar.

Independentemente de este edifício albergar dois pisos, existem várias limitações no que toca à apropriação do piso de baixo. Apenas com duas aberturas para o exterior, uma delas com dimensões bastante reduzidas, não é de todo aceitável para a comodidade do utilizador projetar uma suíte ou até mesmo um espaço comum.

Desta forma, e assim como na Casa Senhorial, existe a necessidade de elevar o edifício por mais um piso nunca corrompendo o existente. O novo piso surge como um elemento extraído do existente mantendo a sua forma de maneira a que a linguagem seja coerente com o que existe.



**3. 16 - Esquema da planta do piso 0
Casa dos Caseiros**

Piso -1

O piso -1, acessível apenas por um vão diretamente ligado ao exterior, alberga a casa das máquinas e a fossa séptica. Aqui apenas se prevê o reboco das paredes, a colocação de um piso em azulejo de forma a que o espaço seja lavável e resista ao desgaste a que será exposto. Os tetos falsos mantêm o pé direito existente e prevê a colocação de isolamento que ofereça estabilidade ao piso superior.

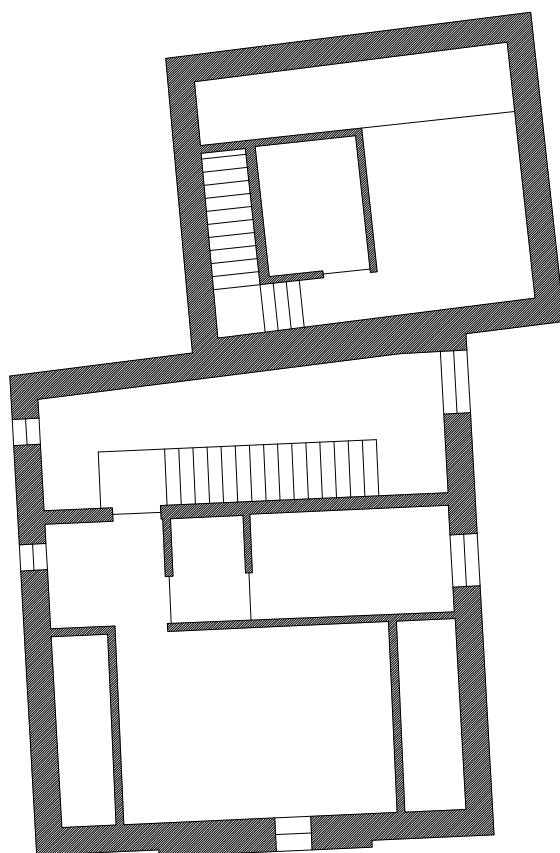
Piso 0

O piso 0 comporta duas das suítes e a sala de estar. Canonizando o conceito introduzido na Casa Senhorial, aqui também a prioridade organizacional arruma as suítes de forma a que se aproveitem as qualidades cénicas do local e coloca o programa semiprivado no momento de ligação ao exterior.

Encostado ao alçado norte e este desenha-se a sala de estar que para além de local comum de descanso também aqui se dá o momento de entrada do edifício. Aproveita-se a lareira existente como ponto fulcral de reunião. Desta forma usufrui-se de uma passagem existente que liga a sala comum ao hall de receção das suítes. As suítes encostam ao alçado sul da existência e apropriam-se de praticamente todo o piso. O hall de receção desenvolve-se num espaço com pé direito duplo de forma a que exponha toda a escadaria que liga a suíte existente no piso 1 ao hall de receção das suítes.

Esta escadaria comporta-se de igual forma à escadaria existente na Casa Senhorial. De forma a que exprimisse mais do que uma ligação vertical entre dois pisos, optou-se por desenhar-se um elemento funcional com qualidades escultóricas. Assim, a estrutura é composta por uma construção em betão armado, suportados pela parede divisória entre o hall e as suítes, circundada por uma guarda, em madeira, suspensa do chão para que, mais uma vez, se torne um objeto leve ao invés da sua aparência rígida e pesada.

O pé direito pertencente à sala de estar usufrui de uma altura de três metros enquanto que o hall de receção às suítes comporta um pé direito duplo. As suítes desfrutam de uma altura de dois metros e setenta centímetros baixando a cota para dois metros e meio dentro das instalações sanitárias. Parte da suíte encontra-se em pé direito duplo, incorporando um espaço de passagem que goza de uma luz zenital proveniente de umas claraboias que rematam o teto desse mesmo espaço.



**3. 17 - Esquema da planta do piso 1
Casa dos Caseiros**

Piso 1

Como piso novo, vem rematar o programa com a última suíte. Acessível pela plataforma de descanso da escadaria, esta suíte comporta-se com uma hierarquia mais elevada das outras duas. Disfrutando de um espaço privilegiado é claramente justificável que, aqui, as dimensões acrescidas da suíte se espalhem por todo o piso apropriando-se por completo do mesmo. Neste piso o teto faculta uma qualidade plástica característica da linguagem exterior. Visto que o acrescento segue a linguagem da pré-existência, a forma que obtém desenha uma cobertura de duas águas que transcende ao espaço interior.



3. 18 - Fachada Norte da Casa dos Caseiros

T0

Localizado junto ao alçado norte e este, o T0 dedicado ao proprietário e à família apropria-se de uma parte do existente que se encontra totalmente independente do resto do edifício. O T0 desenha-se em torno de um núcleo onde estão configuradas as instalações sanitárias. Tirando partido de dois pisos, as funções mais públicas situam-se no piso de acesso e as funções mais privadas no piso em cima. Assim, com o segundo piso em mezanino, no piso de entrada localiza-se a sala com kitchenette, uma instalação sanitária e a comunicação vertical que une os dois pisos. O segundo piso alberga o quarto e uma instalação sanitária completa. A necessidade de criar um segundo piso em mezanino aparece devido ao vão já existente na fachada. A uma cota demasiado baixa para pertencer ao piso de cima e demasiado alta para pertencer ao piso de baixo, foi estudada a hipótese de este vão ficar a um meio termo entre os dois pisos podendo assim ventilar e iluminar ambos.

Também aqui, dada a extensão do programa, se viu a necessidade de acrescer a cota à cércea do edifício. Assim, extrai-se um polígono do existente com a mesma linguagem, nunca esquecendo o conceito do projeto e distinguindo sempre o que existe do que é novo. Este novo construído visa também uma cobertura de duas águas que irá de encontro aos tetos, trespassando a estética exterior ao interior da habitação.

O forno

Espaço localizado mais a nordeste da área de intervenção, o forno é visivelmente o edifício mais arruinado de todo o complexo. Foi implícito de início que o forno deveria ser completamente reconstruído.

A degradação das paredes exteriores será coroada por acrescentos que elevam as fachadas à mesma cota e o edifício é rematado por uma cobertura plana visando a aparência que o edifício possui agora, introduzindo o mesmo conceito da Casa Senhorial e da Casa dos Caseiros.

O programa para o forno é simples, um espaço de convívio destinado ao proprietário. Assim, desenha-se uma pequena cozinha, um espaço de refeições e uma instalação sanitária. A estrutura da casa do forno é recuperada oferecendo ao lugar uma zona para a copofonia desejada



4. 1 - Pavilhão de Barcelona, Barcelona, Espanha, 1929, Mies Van Der Rohe (em cima). Azuma House, Osaka, Japão, 1976, Tadao Ando (em baixo)

Capítulo V - Aspetos Técnicos e Construtivos

A materialidade de uma construção muito diz sobre o seu desenho, a sua aparência e a simbiose que desenrola com o público e respetiva envolvente. É de extrema importância as qualidades educativas do arquiteto perante a seleção e aplicação dos materiais.

Toda a obra e todo o conceito arquitetónico é ultimado no momento de construção e sem a aplicação do material certo no lugar certo pode ser desencadeado o falhanço de um projeto arquitetónico. Visa-se uma sintonia que ofereça uma construção sustentável assim como um bom ambiente vivencial que respeite as teorias contra o desperdício.

A reconstrução baseia-se num fator de crucial importância, o reaproveitamento máximo de todo o existente. Deste modo prevê-se que nada seja demolido e apenas se construa o essencial.

Relativamente à Quinta da Madreus do Vale de Flores é notável o alto desenvolvimento da decadência dos edifícios. Não existem pilares, não existem vigas, não existem lajes não existindo suporte interno. O existente oferece as fachadas, previamente testadas, como paredes de suporte, assim como algumas paredes internas.

Por conseguinte, visa-se a total construção de um novo interior ao existente, aproveitando todas as ofertas possíveis, executando um projeto que fomente e ajude o existente a prolongar a sua vitalidade.

Assim, inicia-se um detalhe construtivo que embarca pelo uso de materiais convencionais como o tijolo e o betão armado. Está programada uma estrutura metálica de apoio às fachadas e ao novo construído. Também se procurou o uso de materiais que sejam de fácil aplicação e que sustentem as condições climáticas expressas do local. Com temperaturas que rondam dos -3 graus aos 9 graus no inverno e entre 16 graus e 35 graus no verão, os materiais escolhidos vêm-se os mais sensatos a utilizar, assim como um isolamento em cortiça cujo comportamento reflete o bem-estar térmico e acústico. Também se deve a este facto o desenho de paredes duplas quando estas se encontram em contacto com o exterior.

As paredes internas são simples, sendo que a maioria utiliza tijolo convencional. São utilizadas na separação das diferentes áreas do edifício, e algumas são projetadas em betão armado de cofragem simples, utilizado maioritariamente como suporte das comunicações verticais e caixa do elevador.

No que toca à estrutura do edifício, projeta-se uma componente simples de vigas e pilares metálicos revestidos a betão que suporta todas as consolas existentes no interior da Casa Senhorial. As lajes, também elas em betão armado, possuem uma cofragem simples e uma espessura de vinte centímetros.

5.1. Materialidade

5.1.1. Paredes

Como anteriormente mencionado, antecipa-se a utilização de paredes de básica construção em todo o projeto. A aplicação rege-se pela utilização de tijolo convencional assim como o uso de betão armado.

Granito

Esta pedra natural pertence unicamente à existência. Encontra-se em tudo o que o devoluto oferece, na constituição das paredes, nas comunicações verticais ao longo de todo o local, nos muros de suporte e nos adornos da arquitetura. Um material bastante usado nestas localidades visto que provém da sua envolvente, a Serra da Estrela, um complexo afloramento granítico.

Tijolo Convencional

Como anteriormente mencionado, o tijolo convencional está aplicado nas paredes internas (simples, um pano) e nas novas paredes (duplas) em contacto com o exterior. Deste modo, utiliza-se um tijolo convencional de 30x20x9 centímetros nas paredes internas e um tijolo convencional de 30x20x22 no pano externo das paredes em contacto com o exterior e um tijolo convencional de 30x20x15 no pano interno dessas mesmas paredes. Entre cada pano de tijolo encontra-se uma caixa de ar de 3 centímetros de espessura que visa a melhor térmica do edifício. O tijolo convencional de 30x20x9 também é utilizado na estrutura portante das claraboias existentes no projeto.

Betão

O betão armado aplica-se às paredes estruturantes que necessitam de suporte extra. Assim, a cofragem do betão é feita nas paredes portantes das comunicações verticais, nas paredes de suporte da caixa de elevador e, também, nas paredes de contenção das fossas sépticas. A sua linguagem comporta-se de forma a que estas paredes possam ser facilmente camufladas em relação às paredes de tijolo convencional. Assim, limita-se a sua espessura a vinte centímetros nas comunicações verticais e trinta centímetros na contenção das fossas sépticas.

Gesso Cartonado

O gesso cartonado aparece como uma das mais usadas e mais simples soluções para obras de restauro. Assim, com o intuito de simplificar e exprimir um ambiente coerente ao interior da obra, utiliza-se o gesso cartonado como ferramenta para selar e cobrir o tijolo convencional tal como as paredes existentes. Desta forma todos os planos de alvenaria e o interior das fachadas existentes recebem o mesmo acabamento regular e liso. O modo de emprego é simples e rápido, procede-se à instalação direta de perfis montantes no tijolo ou pedra e aparafusam-se as placas ao perfil. A câmara de ar que sobra entre o tijolo e a placa de gesso é recheada com uma manta geotêxtil para um melhor isolamento térmico e acústico.

Assim, aplicam-se placas de gesso tipo “Gypotec - Placas de Gesso tipo A” para as zonas secas e “tipo H” para as zonas de água, com aproximadamente 3 centímetros de espessura. No entanto, as paredes em contacto com o exterior necessitam de um bom isolamento térmico e acústico dada a adversidade do clima e o conforto necessário para os hóspedes. Procura-se assim a utilização de placas tipo “Gypotec - Gypcork ICB 13-A” para as zonas secas e “ICB 13-H” para as zonas de água. Esta placa tem a particularidade de isolar térmica e acusticamente o espaço devido a uma camada de cortiça diretamente assente sobre o gesso. A sua espessura é de aproximadamente nove centímetros, três centímetros pertencentes aos perfis de montagem e à placa de gesso, e seis centímetros destinados ao isolamento em cortiça.

Grés Porcelânico

Dada a sua alta resistência e facilidade na limpeza e aplicação, o grés porcelânico torna-se o material mais indicado para o revestimento das paredes de certos espaços. É aplicado em todas as zonas de água e em toda a zona técnica destinada aos funcionários. Existem diferenciações no tipo de grés a utilizar visto que a sua finalidade difere consoante a sua funcionalidade. No entanto mantêm-se uma coerência no que toca a espessura do painel, de aproximadamente 1,1 centímetros.

Assim, nas instalações sanitárias dedicadas aos hóspedes, por serem zonas normalmente privadas de contacto direto com o exterior, propõe-se o uso de cores claras, nomeadamente o branco. Aplica-se uma cerâmica com dimensões acrescidas que visam a ilusão de uma parede revestida a pedra natural. Assim o revestimento das paredes é tipo “Margres Linea Prestige” de cor “Calacatta”. As dimensões fixam-se em painéis de 100x300 centímetros.

Quanto às zonas técnicas, introduz-se a necessidade da utilização de um material mais poroso e com uma textura mais mole, proporcionando o melhor conforto e segurança aos trabalhadores. É pensada a utilização de uma cor sóbria, limpa e simples, e a dimensão parte da tentativa de uma métrica que adeque o painel ao espaço incutindo uma doutrina anti desperdício. Assim, para as cozinhas, as instalações sanitárias dedicadas aos funcionários, os balneários e também a cozinha do T0 utiliza-se uma cerâmica tipo “Margres Time 2.0” com a cor “Time Snow” e dimensões de 90x90 centímetros. Nos corredores técnicos apenas é aplicado um painel a partir do pavimento emoldurando o espaço reproduzindo uma sensação mais afável.

Tinta Branca

Como remate final das paredes internas, visa-se a utilização de uma tinta branca plástica com particularidades hidrófobas para que se possa disfrutar de uma resistência prolongada à utilização interna. Também se optou por uma tinta plástica devido às suas qualidades refletoras de luz, assim, espaços mais confinados e pouco expostos aparentam uma luminosidade acrescida.

Chapa de Zinco

A chapa de zinco aparece como remate final dos pisos de acréscimo ao existente. Segundo a fase conceptual do projeto, e assim como Camillo Boito propõe, utiliza-se uma materialidade que discorda de todo o existente. Para além de ser um excelente revestimento exterior possui uma característica mutável com o passar do tempo, variando a sua cor e a sua textura. Visa-se uma instalação convencional das chapas de zinco. Aplica-se um revestimento em contorno de toda a área com placas OSB como estrutura de suporte de todas as restantes camadas. O OSB é assim revestido por placas de isolamento XPS coberto por uma lâmina drenante de ventilação, evitando possíveis condensações e promovendo um isolamento acústico. Por fim remata-se com a chapa de zinco com uma junta do tipo “*Single Lock*”. Esta junta concebe ao zinco um grafismo que promove a verticalidade plástica do conjunto edificado.

5.1.2. Pavimentos

Um dos pontos mais importantes numa construção passa pelos seus acabamentos e pelo detalhe de cada um. O pavimento é um fator crucial para o bom funcionamento de um edifício. A escolha deste material define a perceção, a luz e o conforto que o espaço possa assumir, não esquecendo as suas características perante a sua finalidade.

Betão

Como já mencionado, o betão aparece como camada inicial do pavimento interno, a laje. No entanto também é utilizado como pavimento exterior. Para uma longa duração e boa resistência dos pavimentos exteriores, tentou-se manter a simplicidade e optou-se por um material que possa estar sujeito aos fatores químicos e naturais presentes no exterior. Assim, utilizou-se o betão por ser um material versátil e de fácil aplicação. A sua aplicação é feita a partir de uma camada de betão de 10 centímetros, assente numa camada de gravilha, protegida e assente em lã de rocha mineral. Também no interior é utilizado pavimento em betão. A comunicação vertical em espiral disfruta de uma estrutura em betão armado que serve de acabamento final dos degraus, polido e desgastado criando uma solução antiderrapante, de alta resistência e um acabamento que aumenta o contraste entre o minimalismo interior e a afirmação conceptual que é esta escadaria.

Grés Porcelânico

Previstas todas as instalações técnicas entre o teto falso e a laje, incluído isolamento, não se exprime a necessidade de acartar camadas diretamente acima da laje. Logo, como forma de remate superior da laje são aplicados os painéis cerâmicos fixos por uma fina camada de cimento cola que não só une a cerâmica à laje como também serve de camada niveladora.

Maioritariamente todos os espaços estão revestidos a grés porcelânico, excluindo os quartos, as salas, o auditório, a adega e o restaurante. Mais uma vez, e assim como no revestimento das paredes, programa-se a utilização destes painéis consoante a função da área onde se encontra.

Nas instalações sanitárias dos hóspedes, mais uma vez, pretende-se um ambiente iluminado e limpo pelo que se apronta a utilização de um formato grande e de uma cor clara, branca. Também aqui se puxa o sentido estético e o constante fator luxo. Assim são utilizados painéis tipo *“Margres Linea Prestige”* com a cor *“Calacatta”* com a dimensão 100x300 centímetros. Também na receção, o momento de entrada e a sala de espera e descanso, se utilizam este tipo de pavimento, prevalecendo uma linha continua entre a parede branca e a cerâmica iluminando o espaço e conduzindo os olhos à escadaria. Estes painéis cerâmicos igualmente se aplicam ao pavimento da igreja, ao pavimento do vestíbulo para a sala comum da Casa Senhorial, à zona de receção do auditório, ao corredor de acesso à adega e à sala comum da Casa dos Caseiros.

Os corredores de distribuição dos hóspedes utilizam o mesmo pavimento. Contudo, aqui, as dimensões do pavimento alteram-se confinando assim uma diferença física entre zonas de estar e zonas de percurso. Desta forma a única diferença está na sua dimensão optando-se pelo uso de painéis de 120x60 centímetros.

Nas zonas técnicas opta-se pela mesma ideia do revestimento das paredes. Dada a funcionalidade das áreas é necessária a escolha adequada de um piso que seja antiderrapante e com qualidades de alta resistência. Opta-se por uma cor neutra, simples e de fácil lavagem. Assim, o pavimento das zonas técnicas é do tipo *“Margres Time 2.0”* com a cor *“Time Snow”* e dimensões de 30x60 centímetros. Nas instalações sanitárias e nos balneários da zona de serviço opta-se pela aplicação de um cerâmico da mesma cor e mesmo estilo, no entanto adaptando a dimensão para que o espaço adquira um sentimento cómodo devido à sua funcionalidade. Opta-se por painéis do tipo *“Margres Time 2.0”* com a cor *“Time Snow”* e dimensões de 15x60 centímetros.

Soalho de Madeira

A madeira, utilizada inúmeras vezes pelas sua resistência e durabilidade, é um material que vai de agrado à maioria e proporciona qualidades estéticas ao espaço tornando-o um espaço cómodo e acolhedor. Desta forma verifica-se o melhor material a aplicar nas áreas em que a comodidade é inquestionável.

Reveste, deste modo, as salas comuns, os quartos das suítes, a sala pertencente ao restaurante, a adega e o auditório. Foi escolhida uma madeira de carvalho, árvore abundante da região, com uma tonalidade escura, seccionada em painéis de 150x25 centímetros com uma espessura de aproximadamente 1,1 centímetros, tratada com um acabamento em cera original para madeira, incolor e sem brilhos, utilizando um método de encaixe macho fêmea.

Autonivelante

O autonivelante caracteriza-se pela sua alta resistência química, fácil aplicação e fácil limpeza. A sua aplicação é inserida na cozinha industrial e nas camaras frigorificas. Pelo facto de a cozinha se encontrar num espaço interno sem comunicação com o exterior, opta-se por utilizar um cinzento claro para ampliar e iluminar o espaço. Era necessário utilizar uma cor clara, no entanto o branco era uma opção pouco viável visto que a cozinha e as camaras frigorificas são zonas de trabalho com alimentos e líquidos que possam derramar no chão, a cor branca camufla estes derrames podendo comprometer a segurança dos trabalhadores.

5.1.3. Tetos

Para manter uma linguagem coerente entre todos os edifícios e os seus diferentes espaços a materialidade tem que refletir uma escolha de materiais comuns a todos esses espaços visando a sua boa harmonia com os materiais envolventes. Portanto, no caso dos tetos, optou-se por um simples teto falso, branco, em gesso cartonado devido à sua fácil aplicação e à boa relação com os outros materiais existentes.

Gesso Cartonado

Como mencionado, foram escolhidos tetos falsos em gesso cartonado. No entanto, de área para área, os painéis alteram consoante a sua necessidade. As lajes dos edifícios encontram-se isoladas pelo seu lado inferior sendo que se utiliza a mesma técnica mencionada no isolamento das paredes. Em todo o revestimento da laje é utilizada uma placa de gesso com aglomerado de cortiça tipo “Gypotec - Gypcork ICB 13-A” para as zonas secas e “ICB 13-H” para as zonas de água. O seu modo de aplicação iguala o modo de aplicação nas paredes pelo que se visou ser a solução mais simples e eficaz.

No que toca aos tetos rebaixados, são aplicados painéis de gesso suspensos. A aplicação é feita através de encaixes metálicos que unem os perfis pertencentes às placas de gesso diretamente às placas que isolam a laje. Assim, optou-se por placas tipo “Gypotec - Placas de Gesso tipo A” para as zonas secas e “tipo H” para as zonas de água.

5.1.4. Piscina

Optou-se pelo desenho mais simples e básico da piscina para uma melhor integração do desenho com o espaço envolvente. Desta forma decidiu-se executar uma piscina com uma construção simples, em betão, revestida a pastilhas vítreas e com dreno perimetral.

Betão Armado

O betão armado é utilizado com material principal na execução da estrutura da piscina. A sua cofragem permite uma grande versatilidade nas formas e uma resistência acrescida para resolver problemas como a pressão de água e, visto ser uma piscina subterrânea, a pressão do

solo. Desta forma utilizou-se uma cofragem simples e uma armação standard que equivale a um total espesso de quarenta centímetros. O betão fica sujeito a um tratamento hidrófobo como forma de precaução dadas as circunstâncias a que está exposto.

Tela impermeabilizante

Quando se envolve água permanente numa construção prioriza-se a necessidade máxima de conter essa água no espaço desejado evitando que esta possa afetar e comprometer a estrutura do construído. Opta-se pelo isolamento total de todo o betão estruturante com uma camada dupla de tela impermeabilizante com aproximadamente um total de um centímetro de espessura. A tela é sobreposta em três a quatro vezes mais em zonas comprometedoras como por exemplo o dreno e as juntas de dilatação do betão.

Pedra Natural

Para que haja uma boa linguagem comunicativa entre este espaço e o envolvente optou-se por rematar o dreno com uma pedra natural branca expondo uma sensação exótica ao local. O branco contrasta com a verdura e a brutalidade do betão amansando a orgânica que aquele espaço oferece. Desta forma remata-se a estrutura de betão e esconde-se o momento de drenagem com um mármore, branco, tipo Tons de Pedra em cor Branco Ibiza, com uma espessura de cinco centímetros. A pedra recebe um tratamento areado para que se torne uma superfície antiderrapante garantindo a segurança dos utilizadores.

Revestimento vítreo

Como acabamento final insere-se um revestimento vítreo, de cor branca, que contrasta com a água enfatizando o sol e refletindo a envolvente. Assim, desenvolve-se uma perfeita simbiose entre todas as texturas expostas no local proporcionando uma experiência relaxada e acolhedora aos utilizadores da piscina. O revestimento é do tipo “Ezarri 2545-A”, com a particularidade anti deslizante com 1,5 centímetros de espessura.

5.1.5. Vãos

Como forma conceptual, a escolha dos vão procurou caixilharias que melhor enquadrassem o facto de a obra ser um restauro. Assim, a maioria dos vãos usufruem de uma caixilharia em alumínio, com corte térmico, de apenas um pano envidraçado e sem adornos.

Vãos exteriores

Todos os vãos exteriores são executados em caixilharias à medida em alumínio riscado, escuro, com um plano de vidro duplo com cada vidro a medir cinco milímetros de espessura e uma caixa de ar entre os panos de aproximadamente cinco milímetros de espessura. O intuito é fazer dissolver a nova caixilharia com o existente de modo a que este não o obstrua de qualquer maneira. Os vãos envidraçados, de abrir e fixos, são do tipo “2059, Grupo Sosoares”.

Porta de serviço

Como entrada para a casa das máquinas localizada na Casa dos Caseiros no piso inferior, este vão configura-se por uma porta de segurança ventilada. Respeitando a estética existente e a boa relação com os vãos restantes, aplica-se aqui uma porta do tipo “*Vicaima Portaro Segurança FD30*”, madeira lacada a cinzento escuro, com qualidades isolantes térmicas e acústicas, corta-fogo e máxima segurança anti roubo.

O aro encurtado permite seguir a lógica dos vãos envidraçados exteriores, no entanto trata-se de uma porta opaca dado que a sua funcionalidade é proteger e acolher maquinaria de controlo da piscina e arrumos de apoio ao tratamento paisagístico do local.

Portas com eixo pivotante

Optou-se pelo desenho de uma porta que cumprisse o dever de respeitar as funcionalidades de vários espaços diferentes. Esta porta é versátil e adequa-se à maioria das funcionalidades aplicadas, colocando uma simplicidade na execução da obra, limitando a diferença de escolhas a um mínimo possível.

As portas com eixo pivotante, em madeira de carvalho com acabamento idêntico às paredes de gesso, encontram-se como acesso às suítes, às instalações sanitárias dos funcionários, ao corredor de acesso dos funcionários, à cozinha, aos balneários e aos arrumos dos edifícios. O seu desenho, com eixo pivotante, tem a finalidade de conduzir a parede a uma total superfície plana, sem relevos, de forma a manter toda a estética interior clara e simplista. A sua composição engloba duas folhas de madeira de carvalho (1 centímetro cada) separadas por uma caixa de ar onde se localizam uma estrutura em alumínio e isolamento (2 centímetros), um acrescento de uma placa de gesso (1centímetro) pelo lado exterior revestidos por uma lamina de vinil autocolante branco areado sem brilho. A ombreira é inexistente e a sua montagem efetua-se por uma armação em madeira de carvalho embutida na parede. O isolamento é feito pela aplicação de uma borracha a todo o perímetro da porta incluindo também a armação encastrada.

Portas de correr encastradas

As portas de correr encastradas solucionam principalmente obras de restauro devido à sua alta versatilidade no que toca à poupança de espaço. Como objeto encastrado na parede, dispensa o uso do espaço quando se encontra aberta visando um espaço limpo e simples. Procurou-se o uso de uma porta que fosse de encontro à estética das portas pivotantes mais uma vez promovendo uma grande coerência linguística dentro dos edifícios. Assim, opta-se por uma porta de madeira de carvalho lacada a branco, sem brilho, e uma estrutura encastrada possibilitando

a sensação de uma parede limpa e sem interferências. A porta do tipo “*Gosimat Pocket Frame Unico Plus*”, com quatro centímetros de espessura, é projetada para a entrada do auditório, para as instalações sanitárias dos hóspedes, para o acesso às instalações sanitárias das suítes, para o acesso ao vestíbulo dos funcionários na zona da receção e como acesso à instalação sanitária do T0.

Vão envidraçado com eixo pivotante

Este vão encontra-se no acesso ao restaurante. Por ser um vão de grandes dimensões e por estar projetado no eixo de charneira da orientação das vigas, procurou-se uma solução que satisfizesse as adversidades expostas. Como forma de combater a falta de iluminação optou-se por um vão completamente transparente, a diferença de direções dos eixos resolve-se pelo facto do vão poder rebater em ambas as direções, tanto para o interior como para o exterior, o seu eixo pivotante suporta a porta de forma a que o peso não a empene nem para um lado nem para o outro e a sua estética complementa a simbiose de todo o edifício marcada pela sua diferença. Assim, tem uma caixilharia em alumínio riscado cinza escuro, com uma profundidade de 4,5 centímetros e uma moldura de apenas 2,5 centímetros, é marcado por uma lista vertical no mesmo alumínio onde se encontra o eixo pivotante. O vão do tipo “*Raynaers Sistema Pivotante*”, conta com vidro duplo de meio milímetro separado por uma caixa de ar com aproximadamente um centímetro de espessura.

Claraboia redonda

As claraboias redondas encontram-se na Casa Senhorial. Visam a iluminação de espaços interiores como o corredor de serviço dos funcionários, as instalações sanitárias das suítes e pontuar os momentos de entrada do edifício. A sua aplicação requer a construção de muretes de apoio constituídos por tijolo de 30x20x9 isolados por gesso cartonado com aglomerado de cortiça pelo interior e placas de zinco com uma camada de tela impermeabilizadora pelo exterior. A claraboia tipo “*Dagol Modelo Redondo de 100cm*” remata o murete e oferece uma moldura interna em PVC branco sem brilho de apenas cinco centímetros. As claraboias são fixas, com vidro duplo de quatro milímetros de espessura separados por uma caixa de ar de 1,6 centímetros, cobertos por uma cúpula em acrílico de três milímetros de espessura.

Claraboia retangular

Este tipo de claraboia encontra-se apenas na Casa dos Caseiros. Projetada com o intuito de iluminar a maior suíte do respetivo edifício, desenham uma moldura no céu que enquadra as qualidades cénicas do local. Inseridas de forma a manter a cobertura um plano contínuo, as claraboias tipo “*Velux GGL*” vão de encontro com a linguagem dos outros vãos. Exteriormente apresentam uma caixilharia em alumínio cinza escuro riscado enquanto que, para manter a sobriedade do interior, são de alumínio lacado a branco pela parte de dentro. É um vão composto por um vidro duplo de quatro milímetros cada folha, separados por uma caixa de ar

de aproximadamente 1,8 centímetros. A sua aplicação oferece uma moldura de apenas cinco centímetros no interior e 10 centímetros pelo exterior.

5.1.6. Escada Espiral

Como objeto escultórico funcional, denotou-se a necessidade de atribuir à escada em espiral da Casa Senhorial um especial destaque. No entanto, a intenção não resulta numa panóplia ilimitada de materiais, antes pelo contrário, foi projetada uma escada limpa, sóbria e simples, apontando o seu destaque unicamente para a sua cor, materialidade e forma.

Betão

A melhor e mais simples habilidade de executar uma escada é utilizar betão armado. Assim, assente sobre o solo desenrola-se uma sapata que sustenta a escada em completo, elemento com um suporte único. A escadaria desenrola-se em torno de um pilar cilíndrico com 24 centímetros de diâmetro.

Madeira de Carvalho

A guarda desenvolve-se em três peças maciças, uma aplicada desde o piso de arranque ao imediatamente superior, outra que vai desde o piso 0 ao piso 1 e a última, mais pequena, protege a passagem desde o último degrau no piso 1 até à laje do mesmo piso. A aplicação da guarda é executada verticalmente, ou seja, prevê-se a construção de toda a escadaria e a aplicação da guarda pelo topo da mesma encaixando nos devidos degraus de suporte.

5.1.7. Escada da Casa Senhorial

Também como objeto escultórico funcional, esta escada proporciona uma construção mais simples. Desenvolve-se como uma escada corrida seguindo os alinhamentos do espaço onde se insere. Mais uma vez, aqui, adquire-se a diferença pela materialidade e cor do objeto.

Betão Armado

O betão armado aparece como elemento fundamental de toda a comunicação vertical. A escada é, toda ela, executada em betão de cofragem simples, de forma a que a escada prescindida de qualquer tipo de suporte a não ser o pano de betão adjacente à mesma. Assim este elemento parece flutuar no espaço possibilitando a sua aparência leve e escultórica.

Madeira de Carvalho

Também aqui a madeira apodera-se da guarda da escada e ainda do revestimento dos degraus. Prevê-se um cobertor e um espelho para cada degrau em madeira de carvalho claro com um tratamento em cera natural incolor e sem brilhos. Cada cobertor é riscado com 4 secções de 2 milímetros de espessura (sensivelmente) no extremo criando uma pequena faixa de atrito,

promovendo a segurança do degrau. As placas de madeira estão seguras através de cimento cola e pregadas com pregos invisíveis.

A guarda, oca, compreende um esqueleto metálico que oferece uma estrutura sustentável para a madeira envolvente e uma leveza que não condiciona a segurança da escada. Constitui-se por ripas de madeira de 100x10x2 cm coroadas por um topo maciço com três centímetros de espessura. A parte inferior da guarda é rematada pelo revestimento em madeirados degraus.

5.2. Pormenores Construtivos

Independentemente de se tratar de um projeto que apresenta uma construção simples e comum, existem pormenores que requerem a devida atenção. São estes detalhes que autenticam o projeto e a sua importância de todo pode passar despercebida.

5.2.1. Remate das paredes com o soalho

Visando um ambiente limpo, simples e moderno, em parte alguma do projeto se idealiza o uso de rodapés que rematem as paredes com o soalho.

A ideia de remate passa por uma linha ténue que emoldure o espaço e ofereça às paredes um aspeto flutuante. Assim, a construção da parede é efetuada de forma normal elevando os painéis de revestimento em gesso em 1,5 centímetros prolongando o pavimento até um encaixe metálico portante dos painéis de gesso.

Nas zonas de água, este remate não acontece. Contudo, também aqui não existe rodapé. O remate da parede com o soalho é feito de forma normal como a junta de dois painéis cerâmicos.

O caso mais específico e de maior detalhe ocorre na cozinha do restaurante. Como forma de promover a facilidade na limpeza deste espaço optou-se pelo desenho um arco que una o pavimento à cerâmica da parede. Desta forma, a cerâmica é colocada até 10 centímetros do soalho e o próprio autonivelante é utilizado para executar esse arco que evita o canto perfeito na junção da parede ao soalho. Com esta técnica o modo de limpeza do espaço é altamente facilitado, impedindo a acumulação de líquidos ou sólidos nestas zonas tão propícias.

5.2.2. Laje de cobertura

A laje de cobertura diferencia de edifício para edifício. Na Casa Senhorial e no Forno utiliza-se o método comum de uma cobertura plana com revestimento em placas de zinco e na Casa dos Caseiros utiliza-se o método de cobertura maciça em betão armado revestida a zinco e isolada pelo interior.

A cobertura plana revestida a zinco viu-se uma mais valia dada a linguagem do edifício e a própria facilidade no que toca à sua construção. Assim, do interior para o exterior, é elaborada pela laje de betão, com 20 centímetros de espessura, uma camada de regularização que provoca um declive de 2%, duas camadas de tela impermeabilizante com um total de um centímetro de espessura, uma camada de feltro geotêxtil com meio centímetro de espessura, isolamento térmico com seis centímetros de espessura, uma segunda camada de geotêxtil com meio centímetro de espessura, placas OBS com aproximadamente um centímetro de espessura, uma camada de isolamento XPS com um centímetro de espessura rematado com as placas de

zinco. A parede exterior eleva um metro em todo o perímetro da cobertura e contém os escoamentos das águas pluviais.

Como o conceito se baseia em elevar um negativo do existente em mais um piso, na Casa dos Caseiros a cobertura segue a linguagem existente e desenha-se uma cobertura de duas águas. Aqui, terá que ter a mesma linguagem que as paredes exteriores e para tal a laje de betão terá que estar pelo lado de fora. Desta forma, do exterior para o interior, projeta-se uma laje de betão, com 20 centímetros de espessura, isolada por uma camada hidrófoba, seguindo-se uma camada de feltro geotêxtil com meio centímetro de espessura, isolamento térmico com seis centímetros de espessura, duas camadas de impermeabilização com um total de um centímetro de espessura, finalizando com uma placa de gesso com aglomerado de cortiça com nove centímetros de espessura. A placa de gesso é rematada por uma tinta branca plástica. O exterior da laje é preenchido por uma camada de OBS com um centímetro de espessura, uma camada de isolamento XPS com um centímetro de espessura e um acabamento em chapa de zinco.

5.2.3. Vão cego

Na fachada norte da Casa Senhorial existe uma alteração na parede exterior que provoca uma falha visível propositada. O desenho das novas fachadas evoca os vão existentes do piso inferior existente embora que aqui torna-se impossível reproduzir o vão em falta. Assim, como forma de o simular conceptualmente recua-se a parede em 11 centímetros. Este recue é feito pela troca momentânea de tijolos de 30x20x22 por tijolos de 30x20x11. Este pormenor em nada compromete a parede visto que todos os seus detalhes técnicos permanecem.

5.3. Móveis e Louça sanitária

A complexidade existente num projeto de arquitetura passa muito pelo seu desenho e pela escolha dos materiais. No entanto para que a visão do arquiteto se torne clara e concisa é também necessário que o próprio visualize a obra de forma funcional e projete de forma certa a localização dos móveis e, principalmente, das louças sanitárias.

5.3.1. Louças Sanitárias

O método simplista também se aplica a este critério. Prevê-se o uso de louças sanitárias que ditem a necessidade de todos os utilizadores, sejam eles funcionários ou hóspedes. A necessidade passou pela escolha de uma estética moderna, simples e higiénica não priorizando de algum modo mais umas áreas do que as outras. Posto isto apresenta-se uma lista detalhada de todas as louças sanitárias e correspondentes acessórios:

Sanitas

As sanitas, do tipo *“Sanindusa Sanita suspensa advance”*, apresentam um desenho com linhas simples, poucos recortes o que aumenta a facilidade na limpeza indo de encontro com o conceito.

Bidés

Os bidés, do tipo *“Sanindusa Bidé suspenso advance”*, corresponde à mesma linguagem da sanita pelo que se tornou a escolha mais acertada e óbvia.

Lavatórios

No que toca aos lavatórios a escolha depende da sua aplicação. Nas instalações sanitárias públicas é utilizado um lavatório do tipo *“Sanindusa lavatório de encastrar wca com uma base de encastramento tipo Sanindusa coluna wca sem furo”*. Este lavatório foi escolhido de forma a proporcionar um aspeto limpo e simplista oferecendo ao hóspede a procura luxuosa que pretende.

Nas suítes é utilizado um lavatório do tipo *“Sanindusa lavatório Note 45x25 e 100x30”*, um lavatório de pousar que oferece uma estética bem relacionada com as louças sanitárias presentes. O tamanho varia consoante a disponibilidade do suporte visando um maior conforto para os seus utilizadores.

Uma exceção ao conceito verifica-se na instalação sanitária de serviço dos funcionários. Devido às dimensões reduzidas da instalação sanitária prevê-se um lavatório de canto tipo *“Sanindusa lavatório de canto Newday 50x50”*.

Banheiras

As banheiras, do tipo *“Sanindusa banheira simples vértice 180x80”*, estão presentes unicamente nas suítes. Um desenho simplista e moderno que proporciona o total conforto e relaxamento dos utilizadores. Aqui, a banheira encastra-se por baixo da pedra de remate visando um apeto homogéneo e interrupto.

Kit de Duche

Com a inexistência de uma base para duche, visa-se unicamente a utilização de uma cabeça de chuveiro e um misturador. O duche, tipo *“Sanindusa kit de duche 4 vias espelho redondo de encastrar New Ícone”*, é em aço inoxidável de linhas modernas e encastrado.

Torneiras

As torneiras seguem o conceito até agora implícito. Optou-se pela utilização de um tipo de torneira idêntica e adaptável a todas as situações. A torneira do tipo *“Sanindusa Mistura de lavatório wca cano curvo com e sem fixação ao chão”* é utilizada em todos os lavatórios com uma aplicação direta na louça ou, no caso do lavatório em encastre, aplicada a partir do pavimento.

5.2.2 Mobília

A melhor funcionalidade obtém-se com a especificação acertada da mobília a introduzir. A mobília faz parte de um bom arquiteto e o seu desenho tem que igualar o mesmo método da sua arquitetura.

Não indiferente, a este projeto acresce-se a necessidade de projetar mobília que ofereça uma perfeita e lógica ligação ao espaço e adquirir uma imagem única, garantindo ao espaço uma identidade especial oferecendo ao utilizador a qualidade espacial pretendida.

Camas

A dimensão das suítes justifica o uso de camas com uma dimensão acrescida. Desta forma também se promove o conforto e a comodidade dos hóspedes indo de encontro com o que procuram. Assim opta-se pelo uso de dimensões *“King Size”*, 190x200 centímetros.

A estrutura da cama é feita em madeira de carvalho com cinco centímetros de espessura e um corte ortogonal. A cama é elaborada por cinco painéis, dois laterais com 220 centímetros de comprimento e 40 centímetros de altura, dois painéis de topo, um com 190 centímetros de comprimento e 40 centímetros de altura e o outro com 190 centímetros de comprimento e 80 centímetros de altura. Utiliza um estrado comum em alumínio e madeira de pinho.

O painel da cabeceira sustenta uma mesa de apoio corrida, de dimensões variáveis de suíte para suíte, que compreende uma folha de madeira de carvalho com três centímetros de

espessura que suporta um painel de mármore tipo “*Tons de Pedra cor: Branco Ibiza*”, com cinco centímetros de espessura que se alonga ao parapeito dos vãos envidraçados.

Esta mesa de apoio prolongada utiliza um sistema de suporte encastrado na parede, uns espigões de aço que unem o interior das folhas de madeira à parede, tornando os apoios invisíveis. Desta forma promove-se um desenho simples e claro de linhas contemporâneas que interligam e promovem o contexto estético interno.

Altar e mesa de oração

Também na Capela se promove o desenho de um altar com uma mesa de orações e um banco de descanso. Como área de importância, a Capela merece ser um lugar de destaque e uma materialidade que vá de encontro. Assim, em sintonia com o pavimento, a mobília é executada em pedra mármore tipo “*Tons de Pedra cor: Branco Ibiza*” com cinco centímetros de espessura.

As formas são simples em linhas retas e modernas. A mesa de leitura desenvolve-se em dois painéis de suporte com dimensões de 60 centímetros de largura por 80 centímetros de altura e um tampo com comprimento de 150 centímetros e uma largura de 60 centímetros. No que toca ao banco, suporta-se pela parede da capela e por um apoio em pedra mármore com 50 centímetros de largura e 40 centímetros de altura e por um tampo com 50 centímetros de largura e 100 centímetros de comprimento.

Considerações Finais

Inserido num contexto bastante examinado, o tema desta dissertação provém das dúvidas do autor em relação a um projeto focado na problemática da arquitetura em contexto de ruína. Toda a complexidade do tema é posta em prática e formula-se uma ideia de como atuar.

As referências bibliográficas são ajudas criteriosas de modo a planificar e repartir a problemática pelos seus vários polos e respostas. Com elas, é possível delimitar as diferentes concordâncias e discordâncias que possam surgir e, mentalmente organizar um processo cognitivo que permita responder ao caso prático a que se inserem.

Considera-se que a arquitetura não se rege unicamente por um caminho exato. É possível aproveitar e mesclar várias potencias, teóricas e práticas, de forma a processar um novo pensamento a cada projeto. Este projeto não é indiferente a isso.

A grande dificuldade nota-se na tentativa de inserir um programa complexo dentro de algo que outrora fora um edifício, reaproveitando toda a sua potencialidade e respeitando não só a sua pátina como também a sua história e envolvimento.

Este contributo pretende elaborar uma síntese prática que elucide uma aproximação à problemática e a resolva de um ponto de vista metódico e responsável. Procura ser também uma referência que combata qualquer receio interventivo sobre um devoluto, encorajando a utilização do mesmo, não como ferramenta à nova arquitetura, mas sim como um igual, respeitando cada parte da mesma maneira, não atribuindo um destaque diferente a cada um, uma boa simbiose.

Desta forma, este projeto proporcionou uma educação gratificante no que toca ao crescimento individual enquanto futuro profissional da arquitetura. Desde a pesquisa, passando pela ideia e rematando pela meticulosa escolha dos materiais. Todo o processo foi elaborado com uma linha de pensamento organizada e propositada, não deixando nada ao acaso.

Assim, resulta um projeto que proporciona as condições necessárias à preparação para a vida profissional face os regulamentos e condições impostas para um trabalho de reabilitação.

Referências bibliográficas

Livros

Choay, Françoise. Alegoria do Património, - (Arte e Comunicação, 71).

Lisboa: Edições 70, Janeiro de 2015

Choay, Françoise. As Questões do Património, - (Arte e Comunicação, 4).

Lisboa: Edições 70, Março de 2015

Coutinho dos Santos, José Manuel. Sina Minha Senhora Nossa - As origens do ermitério, da capela e da festa de N^a Sr^a do Carmo.

Viseu: Eden Gráfico, 2007

Fernandes, Fátima e Cannatá, Michele. Territórios Reabilitados.

Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009

Rebelo, Camilo. Mesa - Eduardo Souto de Moura, 30 anos projetos selecionados.

Casal de Cambra: Caleidoscópio, Setembro de 2011

Riegl, Alois. O Culto Moderno dos Monumentos, - (Arte e Comunicação).

Lisboa: Edições 70, Abril de 2013

Silva, Helena Sofia e Santos, André. Coleção Arquitectos Portugueses - Souto de Moura.

Vila do Conde: Quidnovi e Autores, 2011

Documentos

Igreja, J. (2014) *Quinta da Madreus do Vale de Flores * Quinta do Carmo - Turismo em espaço rural*. Guarda: sem edição, sem data

Websites

Consultado em 28/Set, 2017, em:

<http://www.brandaocosta.com/projetos/caminha/?d=projeto-1>

<https://www.brandaocosta.com/projetos/melgaco/?d=projeto-10>

<https://www.brandaocosta.com/projetos/ancora/?d=projeto-14>

